UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A EXPERIÊNCIA DE VIVER A INTENSIDADE DO OUTRO COM AUTISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA FRANÇA

BRASÍLIA – DF, fevereiro de 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A EXPERIÊNCIA DE VIVER A INTENSIDADE DO OUTRO COM AUTISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA FRANÇA

BRASÍLIA – DF, fevereiro de 2013

PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA FRANÇA

A EXPERIÊNCIA DE VIVER A INTENSIDADE DO OUTRO COM AUTISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Sinara Pollom Zardo

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Ms. Tadeu Queiroz Maia

Secretaria de Educação do Distrito Federal

BRASÍLIA – DF, fevereiro de 2013

Dedico este trabalho ao João, sem o qual esta monografia não existiria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a energia a quem denominamos Deus por ter conseguido sobreviver a todas as agruras e percalços que a vida nos traz.

Aos muitos amigos que passaram pela minha vida e que me deram apoio nesta empreitada que chamamos carreira acadêmica, aos muitos amigos que incentivaram a ideia de entrar em uma Universidade Pública e que hoje, neste momento de conclusão do curso de Pedagogia já não estão comigo contemplando onde este caminho me levou.

Um agradecimento especial aos Educadores Álvaro Ribeiro e Tadeu Queiroz, que no início do curso me deram força e ideias para uma futura monografia.

Agradeço aos meus familiares, por nunca deixarem de acreditar em mim, mesmo quando não estava em um banco de escola.

Agradeço hoje a Professora Fátima, minha orientadora, por me mostrar um mundo da qual pretendo partilhar.

Agradeço a Joice Almeida pelo companheirismo na produção acadêmica e solidariedade nas idas e vindas com as letras.

Não poderia deixar de agradecer ao mundo da literatura, aos textos de autores maravilhosos, que me deixaram viajar por mundos especiais e que me auxiliaram ser o que eu sou.

“Então, Sócrates: Dize-me, Eutidemo, perguntou ele, já estiveste em Delfos? – Sim, por Zeus, respondeu Eutidemo; estive até duas vezes. – Então viste em algum lugar no templo a inscrição: Conhece-te a ti mesmo? – Sim. – Tu a viste distraidamente ou prestaste atenção e tentaste examinar quem tu és?”

Xénophon

FRANÇA, Paulo H. de O. **A experiência de viver a intensidade do outro com autismo na prática pedagógica.** Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

RESUMO

O presente trabalho é um Estudo de Caso e para o mesmo procurei trabalhar com autores como Jerusalinsky (1984), Foucault (1981), Leboyer (1985), Willians, Wright(2008) entre outros. Esta monografia tem como objetivo geral problematizar a experiência de acompanhamento pedagógico de um sujeito com autismo. E na função de discente do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) busco sempre os melhores resultados no que se refere ao espectro do autismo, pois a interação entre pais e professores (âmbito social) é de suma importância para seu progresso. Tem como objetivos específicos investigar teoricamente o que é o autismo; descrever singularidades do acompanhamento pedagógico com os sujeitos com autismo. Assim, procuro intervenções na aprendizagem utilizando como suporte as obras de diversos autores já citados e também experiências de sucesso relatados por quem esteve trabalhando com crianças autistas. Como se configura a experiência docente de acompanhamento de uma criança com autismo e quais as singularidades pedagógicas? Utilizei entrevistas com professores que acompanharam o menino João, ao logo do seu processo de alfabetização, analisei também seus trabalhos de escrita, desenhos, seu processo de fala, seu problema com a ecolalia, sua convivência em família, mãe, pai, avós e irmão. Todas as pessoas próximas a ele e que muito contribuíram para seu progresso escolar ao longo do tempo. Espero assim, com esta monografia a auxiliar futuros pais e professores, na tarefa de criar e educar uma criança que se encontra dentro do espectro autista. Espero que futuramente, o menino João* venha a se tornar um homem na verdadeira acepção da palavra, um homem honrado, educado e livre. Enfim, livre um dia da impossibilidade de ser reconhecido em sua singularidade e da dependência do outro.

Palavras-chave: Autismo, Educação, Linguagem, Estudo de caso.

*Nome fictício

FRANÇA, Paulo H. de O. **The experience of living with the intensity of the other autismo in pedagogical practice**. Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Final Course Work), 2013.

ABSTRACT

This paper is a case study and even tried to work with authors like Jerusalinsky(1984), Foucault(1981), Leboyer(1985), Williams, Wright(2008) and others. This monograph aims to discuss the experience of pedagogical monitoring of a subject with autism. And in the role of students of the Faculty of Education at the University of Brasilia (UNB) always seek the best results with regard to the autism spectrum, because the interaction between parents and teachers (social context) is very important for your progress. Its specific objective is to investigate theoretically what autism; describe singularities of pedagogic supervision with individuals with autism. So try using interventions in learning how to support the works of several authors already mentioned and also successful experiences reported by those who have been working with autistic children. How to setup the teaching experience to accompany a child with autism and what pedagogical singularities? I used interviews with teachers who accompanied the boy John, the logo of your literacy process, I also analyzed their writing assignments, drawings, process your speech, your problem with echolalia, living in his family, mother, father, grandparents and brother . All the people close to him and which greatly contributed to his school progress over time. I hope so, with this Monograph come to help future parents and teachers struggling in the difficult task of raising and educating a child is within the autism spectrum, this absurdly competitive world, where what prevails in many cases is money and its multiple forms of power. I hope that in future, the boy John* will become a man in the true sense of the word, a man of honor, educated and free. Finally, a free day of inability to be recognized in its unique ness and dependence on others.

Keywords: Autism, Education, Language, Case Study.

*assumed name

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS **4**

SUMÁRIO **6**

APRESENTAÇÃO **7**

PARTE 1 ..... **8**

MEMORIAL **9**

PARTE 2 ..... **10**

INTRODUÇÃO **11**

CAPÍTULO 1 – REFLEXÃO TEÓRICA ACERCA DO AUTISMO **12**

CAPÍTULO 2 –ANÁLISE – UM OLHAR EMPÍRICO SOBRE UM ESTUDO DE CASO **15**

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA **16**

3.1. ANÁLISE DOS DADOS 16

3.2. RESULTADOS E DISCUSSÕES 17

3.2.1. O convívio *17*

3.3. ABORDAGEM 17

3.4. PROCESSOS DE ESCRITA, LEITURA, DESENHO, FALA E PENSAMENTO LÓGICO-MATEMÁTICO 17

CONSIDERAÇÕES FINAIS **20**

PARTE 3 ..... **20**

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS **21**

REFERÊNCIAS **22**

APÊNDICES **24**

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é composto de três partes. Na primeira, eu descrevo a minha trajetória até chegar à Universidade de Brasília, onde a mesma colaborou com minha descoberta sobre Educação e Pedagogia me abrindo portas para ter acesso na prática docente. A segunda parte é constituída pela própria Monografia. Nela são abordados concepções do autismo, o período de convivência com o menino João, experiência e amadurecimento que me tornaram capaz de compreender um pouco das singularidades do autismo. Para completar o trabalho, apresentarei entrevistas feitas com duas educadoras que acompanharam João, com o objetivo de entender suas percepções sobre a fala, escrita e desenho feitos pelo mesmo. Na última parte escrevo sobre perspectivas profissionais, onde relato algumas pretensões referentes à vida futura após a conclusão do curso de Pedagogia.

PARTE 1

MEMORIAL

A palavra. Sempre a palavra! No início era a palavra, mesmo antes que eu aprendesse a ler e a escrever, eu já possuía o que o escritor argentino Jorge Luís Borges escreveu em um dos seus contos onde disse que "as palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada" (BORGES, 2012, p. 36), sobre o que significava para ele à escrita: E eu, inconscientemente sabia do que ele dizia, antes de ser, antes de tudo.

Meu nome é Paulo e tenho hoje, no dia em que escrevo este memorial 41 anos de idade. E posso dizer que comecei cedo o envolvimento com a escrita, com as letras e as palavras. Lembro bem do encantamento com o colorido dos anúncios ao andar de carro ou de ônibus, as letras sempre tiveram papel preponderante dentro de mim, até hoje me recordo do momento em que consegui escrever as primeiras vogais, correndo para casa para mostrar aos meus pais e também demonstrar o que tinha adquirido. Não sei se eles tiveram ou sentiram a mesma emoção que eu, mas o fato é que foi forte. Tinha aprendido a escrever. Tinha aprendido as primeiras letras e isso era um ganho enorme na minha vida. Sentia-me como o menino, personagem do livro de Daniel Pennac, na obra Como um Romance, juntando as letrinhas para escrever a singela palavra mamãe:

> Resumindo, numa bela manhã, ou numa tarde, as orelhas quentes ainda do tumulto do refeitório, ele assiste à aparição silenciosa da palavra sobre a folha branca, lá, na sua frente: mamãe. Ele já tinha visto, no quadro, é claro, reconhecido diversas vezes, mas lá, debaixo dos olhos, escrita por seus próprios dedos... Com uma voz meio incerta, no começo, ele balbucia as duas sílabas separadamente: "Mamãe." E, de repente: - Mamãe! Esse grito de alegria celebra o resultado da mais gigantesca viagem intelectual que se possa conceber, uma espécie de primeiro passo na lua. [...] mamãe! Está escrito lá, diante de seus olhos, mas é dentro dele que a coisa explode. (PENNAC, 2008, p. 36)

Essa vitória deu-me tudo que fiz ao longo da vida. Ler tornou-se um hábito presente em todos os momentos, todos os dias, descobrir novos mundos, conhecer as coisas, viver a leitura. Sem isso, sem essa descoberta nada teria sentido nem significado. Virei, mudei e transformei tudo a partir do momento em que este imperativo categórico me guiou. Lendo fortifiquei, fiz amigos, viajei para lugares exóticos, na companhia do grande Jules Verne, Monteiro Lobato e com pó do pir-lim-pim-pim, fui à Grécia antiga

com os meninos do Sítio do Pica-pau amarelo, combati o Minotauro no Labirinto, fui à lua, desci a mais profunda das fossas submarinas, enfrentei piratas no Oceano Atlântico, descobri tesouros, viajei no tempo, passado e futuro, galáxias distantes, milhares de anos luz de nós, aqui. A leitura foi simplesmente a descoberta mais importante da minha vida e nada se equiparou a isso, foi o que guiou meus passos na escola e também nos trabalhos vida afora.

Com isso, na companhia dos meus livros e das letras, estudei em escola pública durante toda a minha vida, nunca, em nenhum momento, freqüentei escolas particulares, tanto que, no dia de hoje, estudo em uma Universidade pública, seguindo este rastro e esta ideia. Sou do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense. Se sou o que sou, se possuo alguma personalidade, posso dizer que esta foi feita em escola pública. Sinto orgulho do que aprendi, dos professores que tive mesmo os de matemática, que não enxergaram problemas de visão que eu tinha que me dificultavam o aprendizado, mas isso são mágoas a muito superadas. Fui em frente, venci ressentimentos do passado e desprezos de pessoas que não acreditaram em mim e na minha capacidade de ser diferente e de ser único nesta vida. Fui em frente, derrubando prognósticos pessimistas e por volta do ano 2000 resolvi concluir os meus estudos de ensino sistematizado a muito adormecidos e estudar à noite no ótimo CESAS (Centro de Estudos Supletivos Asa Sul) e lá durante 2 (dois) anos sentei em seus bancos escolares e segui uma rotina de trabalhos escolares, visando a conclusão e o vestibular da Universidade de Brasília - UnB, que me fizeram, enfrentar dificuldades, mas nunca com algum tipo de esmorecimento. Depois, fiz vestibulares regulares, de 2005 até 2007 e mesmo gostando, tendo afinidades com História e Filosofia, resolvi que o melhor para a minha vida seria cursar algo que não era propriamente do meu conhecimento. Desde o primeiro momento senti que a Pedagogia seria um grande desafio e na área das Humanas fui fazer o vestibular para o curso de Pedagogia. Passei e assim entrei na UnB no ano de 2007. Para ser bem preciso, setembro de 2007. Foi uma felicidade total fazer parte de uma instituição que, tem no seu passado uma figura como Darci Ribeiro que eu, desde a infância, e adolescência, tenho uma profunda admiração.

Ao longo deste tempo, fiz amizades, mudei minha forma de enxergar o mundo, preconceitos acumulados ao longo do tempo desapareceram com o que li, com o que estudei, vendo as aulas dadas por ótimos professores, que mostravam realidades que eu, nos meus solitários estudos não conseguia enxergar. Essa experiência me modificou, assim, as minhas certezas foram abaladas, destruídas e aqueles que, gritam ao mundo que, uma Universidade não faz uma pessoa, realmente não imaginam o “estrago” que a UnB fez em minha vida. Cursei disciplinas por todos os cantos, não apenas na Faculdade de Educação - FE. Fiz disciplina de grego, curso de inglês, também fiz disciplinas na área de minhas paixões, a História e Filosofia, enfim, tudo que podia e a grade da Universidade me permitiu. A UnB dá suporte, consegue ser uma Universidade que ajuda o aluno sem recursos próprios, dá moradia, dá comida, e até mesmo um bom emprego, coloca o indivíduo que se esforça em uma posição vista lá fora, por isso é uma Universidade almejada por todos, pois o caminho ali dentro, pode chegar à alturas inimagináveis. O

sujeito entra de uma forma e conclui ou não de outra sua caminhada pelos espaços verdes da Universidade. Estou neste momento no décimo semestre, ou seja 5 (cinco) anos de muita luta, muita leitura, pois os livros nunca se encerram na nossa vida, estão por todos os lados e eu, tentando dar conta dos milhares de assuntos interessantes que aparecem, pois se a leitura é um vício, antes de mais nada é uma verdadeira paixão, nada pode ser melhor para uma vida, do que viver entre os livros, na companhia deles.

Justamente por estar na UnB e estar cursando a Pedagogia, me convidaram para trabalhar com o João. Comecei assim a minha vida dedicada à adquirir conhecimentos na área do Autismo. Algo que nunca, nunca imaginei ter qualquer contato. E isso veio antes mesmo de fazer qualquer disciplina do assunto na UnB. Pode-se dizer que o início, a origem veio somente por estar fazendo o curso. Como bem uma vez falou com grande propriedade o professor Paulo Bareicha, nós, a partir do momento que começamos a fazer, a trilhar um caminho dentro da Universidade já somos aquilo que nos tornaremos no futuro. Só a partir do terceiro semestre é que tive contato com esta área de estudo e suas intervenções. Antes disso, sequer havia escutado algo sobre tal assunto. Eu, como não tenho nenhum problema em enfrentar desafios, encarei porque a experiência parecia ser muito importante. Na UnB, na FE, cursando Pedagogia, tive contatos com professores como Álvaro Ribeiro, que me ajudou no titubeante início. Tive também o prazer de conhecer a professora Carmenísia nos projetos. Aconteceu o importante Projeto Saúde Integral do professor Álvaro Ribeiro, na cidade satélite Recanto das Emas, onde trabalhei por lá com crianças da localidade por um (1) ano e tive um contato diferente com diversos tipos de crianças. Foi uma experiência que enriqueceu a minha vida. Também peguei a disciplina obrigatória Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE com a professora Anelice Batista e me foi despertardo o interesse, tanto no trabalho, quanto no próprio curso de trabalhar com crianças com deficiência. Se estava, a princípio desanimado, sentindo falta dos meus estudos clássicos, a partir do momento em que comecei a trabalhar como acompanhante do João tudo se modificou, passei a me interessar tanto pelo curso como pelo assunto “Autismo”, li vários autores para conseguir acompanhar o menino João e entender os seus infinitos meandros interiores. Tive o importante auxílio da professora Anelice Batista, que me trouxe, me animou para o assunto autismo. Percebi que ali estava o caminho a ser trilhado dentro da instituição.

Com o João, ao longo destes cinco (5) anos aprendi a tolerância, aprendi a exercer a ideia do ensinar. Lembrei que na minha adolescência lia o sempre fantástico Emílio ou da Educação, do escritor suíço Jean Jacques Rousseau. Peguei as experiências relatadas pelo autor, no livro e tentei usar no meu dia a dia com o menino. Eu seria o Tutor e o João seria o jovem Emílio. O menino João precisava de um indivíduo que o acompanhasse e a amizade com o seu pai me levaram por este caminho. O menino João não tinha conhecimento da leitura e da escrita. Fiquei encarregado de ministrar, claro, com a ajuda primordial da escola, as primeiras letras. Leituras, leituras, leituras. Escritas, escritas, escritas. Trabalhei isso durante todo este tempo. Acompanhei seu inicial desenvolvimento, suas inseguranças e também suas vitórias. Dificuldades apareceram e foram derrotadas.

Aprendi muitas coisas com ele, talvez eu tenha aprendido mais do que ele comigo. Lembro-me que Rousseau disse:

> Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação. (ROUSSEAU, 1968, p. 10)

Assim, com esta crença na educação auxiliei o menino João nas suas descobertas e ele, naturalmente evoluiu. Saiu do seu mundo ensimesmado, entrando neste mundo das letras. Passou a escrever e a ler regularmente, fazendo disso uma rotina, coisa rotineira. Confesso que esse era o objetivo básico, fazê-lo ler e escrever e isso eu consegui. A tarefa de hoje é fazê-lo interpretar o que lê, mas isso nota-se que virá ao seu tempo, pois só com a leitura sistemática e com a experiência adquirida com suas leituras que esta compreensão virá.

Mas a decisão de escrever a Monografia, o trabalho final de curso, somente veio quando conheci na Universidade, a professora Fátima Vidal Rodrigues, que na UnB conhece sobre o assunto autismo. Quando a conheci, percebi que, com o auxílio dela, a experiência que tive em todos estes anos formariam uma base para um bom trabalho. A professora indicou bons textos, mostrou o extraordinário Alfredo Jerusalinsky autor do livro intitulado Psicanálise do Autismo, um clássico e trouxe auxiliou na parte mais complicada do trabalho.

Enfim, uma vida voltada aos estudos, uma vida voltada para a leitura. E a Pedagogia trouxe a ideia de educar, de ser um Educador, com a letra E maiúscula. A minha vida inteira eu sabia que era e seria um educador. Foi o que buscava, mas só quando cheguei a Universidade meu desejo se tornou realidade. Hoje trabalho ensinando e tenho segurança. Esta segurança só veio no momento em que a convivência com alunos e professores me abriram estas portas. E eu devo essa parcela da minha vida à Universidade de Brasília. E como início de uma vida cheia de projetos a finalização deste trabalho final de curso. Tenho ainda que percorrer um caminho ainda longo de aprendizado, contando sempre com os meus fiéis escudeiros que são os livros, pois sei que sem eles, minha vida não possui sentindo, absolutamente nenhum.

PARTE 2

INTRODUÇÃO

Trabalhando com o João, acompanhando-o ao longo de cinco anos pude estudar vários outros casos que tinham o autismo como base. Li autores que estavam dentro do campo teórico como Jerusalinsky (1984) que versavam sobre a Psicanálise e Autismo. Apoiando-me também em autores que se distanciam de certa maneira do autismo como Foucault (1981), logo passei a me interessar pela ideia de escrever um estudo de caso tendo como tema a singularidade do menino João. Com o aprofundamento dos estudos acerca do Autismo, considero que obtive vários ganhos para minha vida pessoal e profissional, um dos principais foi tentar entender a infinitude que apresenta o universo de uma criança autista. Considerando ser necessário entender e observar que uma criança autista possui sentimentos, prazeres, alegrias, tristezas e todas as particularidades inclusive aquelas voltadas para o campo da aprendizagem como escrita, desenho e fala que crianças ditas "normais" adquirem no decorrer de suas vidas. Portanto, tentando traçar estratégias para uma melhor atuação profissional e um melhor desempenho não só educacional, mas também pessoal para o menino João, usando o que me foi repassado fazendo o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília (UnB) neste estudo de caso. Foi definido como objetivo geral problematizar a experiência de acompanhamento pedagógico de um sujeito com autismo. E o objetivo específico investigar teoricamente o que é o autismo: Descrever singularidades de um sujeito com autismo.

CAPÍTULO 1 – Reflexão teórica acerca do autismo

Um autista é um ser singular. Ele está dentro de um mundo imerso em linguagem, com cores, palavras, pessoas falando, expressando-se com signos dos mais diversos, anúncios em placas de publicidade por todos os lados, buzinas dos automóveis, músicas. E ele, sempre ali, com uma extrema dificuldade para interagir com tudo o que está e existe a sua volta, aparentando não expressar nenhum tipo de motivação ou carinho pelos que estão a sua volta. Em muitos casos pode trazer dor e tristeza aos que estão ao seu redor. Ele aparenta estar indiferente a tudo, mas hoje se sabe que isso não é verdade. Sua dificuldade está em conseguir interagir com esse mundo que o rodeia. Quando criança, não costuma compartilhar das mesmas brincadeiras de outras crianças. É recorrente vê-lo distante dos outros, costuma brincar sozinho, mesmo quando ele é procurado por outras crianças nenhuma reação acontece. Para a maioria daqueles que o olha, ele parece não transmitir nenhuma emoção. É visto parado olhando o vazio ou simplesmente correndo sem nenhuma motivação, de um lado a outro, sem razão aparente. Quando alguma pessoa lhe faz alguma pergunta sobre qualquer assunto, costuma responder com qualquer outra coisa que não seja o perguntado. Isso quando ele responde. Na maioria das vezes ele somente está ali, com sua presença, seu corpo-carne. Mas ele mesmo, como sujeito, parece mesmo estar longe.

Acredita-se que o Autismo sempre existiu, mas como fenômeno, passou a ser estudado e debatido a partir do início do século XX. Kraepelin e Breuler possuíam alguns pacientes, estes que nos seus estudos pareciam ter sintomas psicóticos desde a infância. Mas eles não deram nenhum tipo de possibilidade de um diagnóstico infantil específico. Em 1905, S. Santa de Sanctis descreveu um quadro que denominou Demência Precocíssima, usando um termo que remetia ao diagnóstico de Kraepelin e Breuler, o de Demência Precoce. Outras surgiram posteriormente, como as descrições clínicas de Heller, Bril, G. Socarewa e H. Poter, que deram caminho ao diagnóstico de esquizofrenia infantil. Em 1911, quem cunhou a expressão “autismo” foi Eugene Bleuler, para descrever um sintoma da esquizofrenia, que ele definiu como “fuga da realidade”. Este termo, na verdade, deriva do grego (autos = si mesmo + ismo = disposição, orientação) e retirou o “Eros” da expressão autoerotismus, cunhada por Ellis, para escrever sobre os sintomas fundamentais da esquizofrenia infantil.

Mas somente a partir de 1937 esta categoria passou a ter sua especificidade nosológica com as pesquisas de Bradley, J. Lutz, L. Despert, e L. Bender. Eles

enfatizaram a dificuldade de crianças com Autismo cuja evolução poderia levar à perda de relações afetivas e como consequência a perda da relação com o outro.

Em 1943 o austríaco Leo Kanner publicou a obra Austistic Disturbances of Affecctive Contact, na revista Nervous Children, em Boston, nos Estados Unidos e esta foi a obra que associou para sempre seu nome ao Autismo. Ele descreveu cinco agrupamentos com características comuns em um grupo de onze crianças. Nestas, a característica principal era o isolamento extremo, com um comportamento de indiferença quando na presença de outras pessoas e mesmo de objetos. Uma preferência pela imutabilidade das coisas a sua volta, estereotipias gestuais com dedos em frente do rosto, andar na ponta dos pés, rodar em torno de si mesmo, balançar o corpo para cima e para baixo. No texto de Kanner (1943) também apareciam relatos sobre os problemas com a linguagem, as repetições sem fim, as chamadas ecolalias, dificuldade com os pronomes pessoais e construção de neologismos. Estes distúrbios com origem precoce, ele chamou de Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Leboyer o considerou muito original dizendo:

> A grande originalidade de Kanner foi a de individualizar um grupo de crianças que lhe foram encaminhadas, seja por debilidade mental ou esquizofrenia, uma síndrome nova reunindo sinais clínicos específicos, formando um quadro clínico totalmente à parte e diferenciado das síndromes psiquiátricas pré-existente. (LEBOYER, 1987, p.10)

Sobre Kanner, a autora Marion Leboyer (1985), em seu livro O Autimo Infantil, diz que o conceito de Autismo, atribuído a Bleuer foi uma fonte de confusão, pois Bleuer dizia que o Autismo nos esquizofrênicos seria um retraimento ativo no imaginário, fora das relações sociais e Kanner fala sobre uma incapacidade de se desenvolver qualquer relacionamento social. Bleuer pensa, para o Autista esquizofrênico uma vida imaginária rica e Kanner sugere, nos seus escritos, uma falta de imaginação. Bleuer também postula ligação com a esquizofrenia adulta. Sendo assim, Kanner ligou-se a Bleuer, mas o que ele escreveu, pouco tinha a ver com o que Kanner pensou sobre Autismo e esquizofrenia.

A partir de Kanner e Bleuer várias teorias passaram a se ocupar do Autismo infantil. Pesquisas foram feitas com diversas interpretações, dando um campo vasto a teorias, uma delas a organicista, que via o Autismo como consequência de uma deficiência por pré disposição genética, que atingiriam funções neurofisiológicas. Esta não foi aurada pelo próprio Kanner em 1954, num artigo intitulado: To what extentise arly infantile autism determined by constitutionalinad equacies?, onde afirma que “a existência de um distúrbio genético tem por conseqüência um defeito na relação entre a criança e o mundo”.(LEBOYER, 1987, p. 50)

O austríaco Hans Asperger também trabalhou com o autismo. A Síndrome de Asperger deve seu nome a ele. Asperger tinha imenso interesse por crianças que ele denominava de “fisicamente anormais” e em 1942 ele submeteu à revista científica Barchim fur Psychiatrie und Nerven krankheinten seu artigo Die Autistischen Psycopathe aim Kindersalter (A Psicopatia Autista na Infância) publicando-o no ano de 1944. Com este trabalho, Asperger foi mais longe que Kanner. Ele trabalhou aspectos do autismo que Kanner não trouxe à tona e incluindo aspectos de comprometimentos orgânicos. Também trouxe a questão da dificuldade de crianças em fixar o olhar durante situações sociais, mas também ressaltou o olhar periférico e breve da criança autista. Trouxe a questão das estereotipias, dos gestos sem nenhum significado e também o problema da fala, que podia não ser comprometida, mas sem variações gramaticais, com vocabulários variados, mas monótono. Trouxe também um diferencial quanto ao tratado por Kanner, o retraimento social na forma ingênua de aproximar-se das pessoas. Asperger notou também a extrema dificuldade dos pais em constatar o comprometimento nos três primeiros anos da vida de suas crianças.

A Psicanálise, com Melanie Klein, M. Mahler, F. Tustin, Bruno Bettelhein, M. Mannoni, Bergès e incluindo pesquisadores da área psiquiatrica contribuíram para aumentar o debate e o tratamento do Autismo e das psicoses infantis. As discussões entre os anos 60 e 70 versavam sobre se existia alguma diferenciação entre o Autismo e as psicoses infantis. O termo esquizofrenia infantil foi usado por alguns autores, neste período e apesar de recomendações da American Psychiatric Association on Diagnostic Classification in Child Psychiatry pedindo para que fosse usado a terminlogia psicose na infância, o Manual de Diagnóstico e Estatística das Pertubações Mentais - DSM III cunhou a expressão esquizofrenia infantil. Tanto Ajuriaguerra, quanto R. Misés fizeram diferenciações entre as psicoses infantis e também as formas de psicose inicial, do período de latência. O autismo aparecia neste período como um subtipo das psicoses precoces da infância. .

Em 1966, Rhett descreve na Alemanha mais uma síndrome que acometia meninas, a qual levaria seu nome, mas apenas reconhecida no ano de 1983, distinta do Autismo infantil. A Síndrome de Rhett seria uma patologia onde as crianças tinham um desenvolvimento inicial normal seguido por uma perda total ou parcial de habilidades manuais e também da fala, junto com uma desaceleração do crescimento do crânio, iniciando-se até os dois anos de idade. As crianças quando acometidas por esta síndrome costuma fazer movimentos do tipo lavar as mãos, existe o prejuízo mental, marcha de base alargada, hipotonia, atrofias espinhais com incapacidade motora que vão aparecer na adolescência. Crianças acometidas com esta síndrome – Rhett, tem convulsões de difícil controle e se não forem acompanhadas pode levar o indivíduo a óbito. (CAMPANÁRIO, 2008, p.34)

Nos dias em que vivemos o Autismo continua a ser, muitas vezes ainda, um segredo. Sua etiologia ainda não foi definida. (COSTA DOS SANTOS & LOPES DE SOUZA, 2012) e com os avanços da neurocirurgia, investigações foram feitas e chegou-se a uma conclusão que não existiria dano no sistema nervoso central responsável pelo Autismo.

Diversas abordagens hoje ocupam um plano central, destacando-se as psicogenéticas, biológicas, psicológicas, afetivas e também as cognitivas. As teorias psicogenéticas e as biológicas possuem uma grande relevância para estudos acerca do Autismo.

Abordagem psicogenética

Essa abordagem tem como base a ideia, inicialmente projetada por Kanner (1943), que os pais são os verdadeiros responsáveis pelo Autismo de seus filhos, sendo a genética componente inicial do transtorno. Essa abordagem, com componentes errôneos de teorias psicanalíticas defende que a criança autista nasce normal e que vários fatores familiares inclusive dando referência às "mães geladeiras" (BRUNO BETTELHEIM, 1967) provocam o autismo. Hoje, estudos comprovam que essa ideia não possui suporte empírico para dizer que o Autismo esteja associado simplesmente por questões de fórum familiar ou genéticas levando as famílias a serem responsabilizadas pelo problema. (MARQUES apud COSTA DOS SANTOS & LOPES DE SOUZA, 1998, p.47).

Abordagem biológica

Nesta abordagem o componente principal seria uma perturbação de origem neurológica de base. Trabalhando com gêmeos, foi verificado que não é o autismo no seu conjunto que é transmitido hereditariamente, mas antes, um déficit cognitivo ou de linguagem. Vários pesquisadores, ao longo de duas décadas trabalhando com genética verificaram a variedade de problemas advindas do Autismo. Trabalhou-se com gêmeos, neurofisiologia, disfunção cortical e subcortical, neuroquímica, com pesquisas sobre neurotransmissores, peptídios, estudos metabólicos, fatores imunológicos e complicações pré-natais e pós-natais. Ainda existiriam também mais um conjunto de doenças de fundo biológico que seriam as responsáveis pelo aparecimento do autismo. Seriam elas Anomalias bioquímicas - esclerose tuberculosa, fenilcetonúria não tratada de tipo infeccioso como rubéola e a encefalite, síndrome do cromossoma X Frágil. (SOUSA & SANTOS, 2012)

Além dos vários aspectos biológicos no tratamento do autismo, existem também questões de ordem educacional, como eles interagem nas escolas, tanto a de ensino especial como as de ensino médio em que freqüentam. Professores e pais investem pesado para que seus filhos venham a ter um ensino regular e serem alfabetizados. Existe um esforço de todos, tanto pais quanto professores na difícil tarefa de fazer uma criança com TGD interagir com os que não possuem o transtorno. Muitas vezes os pais colocam acompanhantes em sala para ajudar a criança na aprendizagem. Ou, acontecem muito, os pais acabam eles mesmos se responsabilizando pelo ensino ou contratam professores particulares para ministrar aulas em casa. Assim, a questão do autismo infantil estudado, pesquisado por muitos acaba tendo um componente interessante, saindo muitas vezes das mãos de pesquisadores do assunto e indo mesmo aos pais ou responsáveis, que vivem o dia a dia da criança. Assim, a teoria acaba se beneficiando da prática, já que tanto os professores quanto os pais adquirem uma experiência imensa ao lidar com as crianças. Claro que tanto os pais quanto os professores ou acompanhantes se fazem valer de uma ampla carga de materiais escritos e pesquisados sobre o assunto ao longo destes anos todos.

Segundo Chris Willians e Barry Wright (2008) Uma criança autista possui os seguintes sintomas ocasionados pela Síndrome de Asperger – ASD:

- Faz pouco contato visual com outras pessoas.

- Provavelmente não usa gestos como apontar, acenar, assentir ou fazer “shhh” com o dedo significando “silêncio”.

- Não tem amigos da mesma idade.

- Não mostra aos professores os desenhos ou as tarefas a menos que peçam.

- Tem muito mais dificuldade para compartilhar do que as outras crianças.

- Não é muito bom em revezamentos e gosta de ser o primeiro o tempo todo.

- Aparentemente não se preocupa com os sentimentos das outras crianças.

- Repete a mesma coisa várias vezes.

- Não se preocupa nem gosta de brincar de faz de conta com outras crianças.

- Não facilita o diálogo quando o assunto é algo sobre o qual o outro deseja falar.

- Fala com outras pessoas, sem realmente se preocupar as mesmas estão interessadas ou entediadas com o assunto sobre o qual ele está falando.

- Demonstra fascínio por um tópico que consome muito tempo e pode parecer um pouco incomum.

- Fala de modo incomum, por exemplo, com tom muito alto e sem expressão ou com sotaque distinto como uma criança inglesa com pais ingleses falando com sotaque americano.

- Quer brincar com as mesmas coisas e nada mais durante longos períodos de tempo.

- Agita as mãos ou faz movimentos estranhos quando irritado ou entusiasmado.

Nestes mais de 60 anos vimos que várias pesquisas foram feitas, muitas e muitas teorias foram descritas para se chegar a alguma ideia sobre o que seria a Síndrome do Autismo. Mas o caminho ainda será trilhado por pesquisadores, por muitos, hoje e também amanhã. Esperemos um dia saber o que realmente é o autismo e tratá-lo para chegar a uma cura ou mesmo algum alento aos pais que, amam profundamente seus filhos e apenas desejam uma vida melhor a eles.

CAPÍTULO 2 –Análise – Um olhar empírico sobre um estudo de caso

Quem vê o João pela primeira vez fica realmente encantado com sua educação e absoluta doçura. Pessoas como taxistas ou garçons, que o encontram quando ele sai comigo ou quando o pai o leva a algum restaurante sempre comentam que aquele menino é realmente diferente, em seus comportamentos. Mas, quem é este menino encantador?

João tem hoje nove anos de idade, nasceu no dia 13 de maio de 2003, no hospital Santa Lúcia às 14 horas e 52 minutos e é integrante de uma família com pais funcionários públicos. Morou no Japão por três anos e hoje é uma criança alfabetizada. João começou sua vida escolar no ano de 2007, estudou na Escola Cinecista de Brasília - CNEC em Brasília, onde teve contato com as primeiras letras. Depois, no ano seguinte foi para a Creche Cabo Frio onde permaneceu até o ano de 2010. Assim as letras foram apresentadas ao menino João. Hoje, João lê e escreve, está no 3º ano do ensino fundamental, estuda em uma escola de ensino religioso no bairro Asa Sul na cidade de Brasília e foi diagnosticado por especialistas como tendo grau leve da Síndrome de Asperger (ASD).

Quando comecei a acompanhá-lo no ano de 2008 ele ainda era pré-alfabetizado, ainda não tinha conhecimento das letras, do alfabeto e desenhava pouco. Não tinha muito interesse com as palavras. Mas tinha como adoração os personagens do seriado da TV Educativa Cocoricó e muitos carrinhos que gostava de enfileirar por algum motivo que nunca descobri ao certo apesar de ter lido muito a respeito. João continua a enfileirar carrinhos, mas não com a freqüência que fazia no passado. Os carrinhos ainda estão sob os móveis da sala, de prontidão, esperando algo acontecer. Ele ainda mexe com eles, mas não com a mesma insistência, João possui gostos diferentes atualmente, mas os carrinhos e o seriado Cocoricó permanecem na sua vida talvez como um interesse dentro da realidade humana. João praticamente só vivia trancado no apartamento ou saía com os pais de maneira esporádica, sem muita vida fora das quatro paredes do apartamento. Uma das primeiras coisas que fiz foi sair com ele para rua, olhar lojas, ver vitrines, sentir a rua, ver carros passando pelo Eixo, ônibus trafegando e pessoas passando, a voz das ruas. Passe a conversar muito com ele. Sentia que assim iria chamá-lo para mim, adquirir um contato que era necessário, nos primeiros dias.

Confesso que quando comecei a acompanhar João no seu dia a dia, foi preciso reconhecer a minha insuficiência em lidar com crianças autistas. Lidar com as crises de João quando algum tipo de vontade dele não era respeitada era difícil para mim. João gritava, chorava e ameaçava rasgar seus desenhos, suas produções, livros escolares, tarefas da escola e rasgava tudo que fosse deixado perto da sua mão. Eu me limitava a

esperar João se acalmar ou apenas o observava. Como as crises eram fortes, nada eu podia fazer e deixava que João se acalmasse de alguma forma. Preferia a não intervenção, pois achava que podia piorar. Ficava vendo ele se transtornar e depois de alguns minutos a calmaria voltava como se nada tivesse acontecido. João diz não desejar minha ausência de forma alguma e ao ser perguntado se gosta de mim a resposta é sim, sempre.

Lembro-me bem quando o apresentei a uma bola de futebol pela primeira vez, algo que parecia distante de seu mundo. Passamos a jogar bola todas as manhãs e no começo ouve algum tipo de resistência, pois nada que ele não tivesse contato dentro da sua dura rotina parecia lhe agradar. Tinha momentos que chegava mesmo a chorar ou mesmo a defecar nas calças, só para ter que voltar para casa. Era algo bem comum estas resistências iniciais que eu tentava vencer. Com o passar dos dias estava tomado pela ideia de jogar bola e nas visitas fazia questão de jogar no campinho em frente da sua casa.

João também adquiriu gosto pelo passeio de bicicleta, algo que no início não tinha. Começou andando com as rodinhas, mas isso não durou muito. Logo, de comum acordo com a mãe dele, tiramos as rodinhas e tive sucesso com este ato. João estava andando de bicicleta por todos os locais perto de sua casa. Essa foi uma das tentativas de fazer com que João conhecesse meu mundo.

Quanto à alimentação João possui gosto exigente, se alimenta em bons restaurantes por influência do pai e do avô, não aprecia muito comer verduras, mas costuma comer brócolis, beterraba, tomates e odeia cebolas Ele não gosta de ver no prato cebolas picadas que o aterrorizam ao extremo na hora de almoçar. Segundo ele mesmo, aprecia e muito "bolachinhas". Toma sempre suco e é, gosta de bifes, linguiças fritas e batatinhas. Durante a manhã, em desjejum come bananas e tapiocas feitos pela secretária que o acompanha em casa. Não é freqüente João comer pão. Suas vestimentas básicas são jeans e camiseta. O pai gosta bastante de rock e histórias em quadrinhos e quase sempre está lhe dando camisetas que tenham como tema em suas etapas super-heróis. João está sempre vestido assim. Gosta de usar tênis All Star e tinha no passado obsessões por algum tipo único de roupa. Tanto o sapato, calça ou camiseta. Era capaz de passar semanas com a mesma vestimenta. Uma briga constante para fazê-lo mudar de roupa. Por estar próximo a ele, eu tendo o hábito de usar bonés, João também adquiriu este hábito.
João sempre gostou de desenhar e este ato se tornou essencial em sua vida. Existe uma fixação em desenhar o que eu vestia, as minhas camisetas, os braceletes, o boné, os calçados que uso. É algo que ele vem fazendo desde quando o acompanho. É visível as várias modificações ao longo do tempo que seus desenhos sofreram. De um desenho redondinho, com cabeça, tronco, pernas e braços a algo com um sentido diferente. A cada visita sou agraciado com um desenho com as características da visita anterior, mas não é um desenho perfeitinho, talvez seja como João me enxerga no fundo da sua mente, existe um padrão que se repete em todos eles e ele nunca deixa de entregar-me. Tenho uma quantidade enorme de desenhos produzidos por ele, que estão espalhados, guardados em

bolsas, dentro de gavetas, pregados na parede ou com pessoas de minha estima. Brinco sempre com o pai dele dizendo que estes desenhos são o passaporte para a minha aposentadoria futura, ali está um super artista.

João gosta de escrever o que faz no computador quando não o faz no caderno, em bem escritas mensagens endereçadas ao pai. Realiza isto desde o momento em que passou a escrever. Quase nunca deixa de fazê-lo, quando estou ao seu lado. São as “mensagens para o papai” e contem o que ele realizou na manhã ou à tarde do nosso encontro. De início eram apenas cópias que eu o incentivava escrever e escrever. O hábito veio com sessões de escrita, fugindo um pouco da rotina escolar. Quando ele queria escrever, procurava sempre estar ao lado dele. João escreve sempre com letras em caixa alta e sempre teve dificuldade com as letras cursivas. Não sei se isso trará algum problema para ele futuramente. Atualmente na escola ele tem sido incentivado a escrever com outras formas de letras. É um desejo da mãe que ele escreva com as duas formas.

Eu estou tentando nestes últimos dois anos de forma sistemática incentivar no João o hábito da leitura. Eu levei revistas em quadrinhos das mais diversas, de super-heróis, revistinhas da Mônica das mais diversas, Disney, Pato Donald, Mickey, também livrinhos infantis dos clássicos aos contemporâneos, mas percebo que João lê com certa indiferença, que me leva a momentos de desanimo. Levei vídeos para contribuir, mas não percebi progresso. Nunca o vi demonstrar nenhum tipo de interesse com relação a livros. Não é como o escrever onde percebo um maior interesse. Na leitura, sua atenção logo se dispersa caso não tenha alguém do seu lado. Embora ele tenha demonstrado um pouco de interesse na leitura de livrinhos como o Cocoricó, nenhum outro trouxe a ele esta curiosidade que a leitura nos traz na maioria das pessoas. Sua leitura ainda não é uma demonstração de que ele realmente está compreendendo o que lê. Todas as perguntas necessárias são feitas quando ele está lendo algo, mas elas nunca são respondidas.

O mesmo acontece na realização de suas tarefas escolares, algumas que envolvem conhecimento do Português, João consegue resolver sozinho, identificar o que falta em palavras, letras como o "M" ou o "N", em palavras como “também” ou “ninguém”. João identifica muitas letras e reconhece os sinais de pontuação, ele raramente erra ao escrever. Tem boa memória para palavras complexas, as escreve corretamente. Tem dificuldade ao fazer operações matemáticas, reconhece os sinais que são pedidos, mas não faz operações matemáticas sozinho. Nos dias que se seguem tem tentado e com algum tipo de sucesso, aprender a fazer as quatro operações matemáticas, trabalhando com o material dourado. Tem lido a tabuada e com o auxílio dela tenta fazer as contas e problemas trazidos da escola. Tenho auxiliado nessa aprendizagem na medida do possível, mas sinto que João se sente extremamente entediado, e ele não demonstrou em nenhum momento para mim que gosta. Não consegue me responder qual é o número vem antes de cinco, algo bem simples, para qualquer criança na faixa de idade dele. Isso o deixa irritado, perturbado na hora de resolver suas tarefas escolares. Fica esperando a resposta dada pelo professor, sua

dificuldade, seu transtorno fica aparente para quem está ao seu lado. João nunca responde que não sabe a resposta. Ele gosta de colaborar na feitura de suas tarefas, é prestativo.

João gosta de tirar fotografias, o pai chamou bastante à atenção dele no início, exigindo que ele tivesse a devida paciência na hora de clicar, mas aprendeu a ter a devida concentração que a foto exige. Ele consegue saber todos os dias do calendário de um ano correspondente e o seu respectivo dia da semana. Quando não está fazendo algo na escola, comigo ou com algum terapeuta, está na companhia dos avós, que o levam para assistir peças infantis ou filmes. Leva-o para centros culturais para que possa apreciar exposições e a vida cultural da cidade. O menino João está quase sempre fazendo algo que a família considera útil para seu continuo desenvolvimento. Ele, tendo uma vida que, aparentemente é bem cansativa talvez tenha desenvolvido mecanismos de defesa contra esse excesso de atividades, sejam elas, escolares ou até mesmo de recreação que os seus familiares lhe impõe continuamente. A cobrança familiar é alta e vem de todos para que se torne um alguém independente, algo que ele também deseja. Submete-se às cobranças e por vezes dá seus gritos de liberdade contra as imposições vindas de todos.

João frequentemente apresenta os comportamentos listados pelos autores, todas estas características aparecem em maior ou menor grau, mas pelo que percebo, ele procura adquirir comportamentos ditos "adequado" pela sociedade, como relato aqui.

João é uma criança que ainda não conseguiu derrotar a ecolalia, que o faz repetir e repetir palavras ou falar coisas aparentemente sem nenhum sentido. Esse tipo de comportamento passa a sensação de ser um “perdido” fora da linguagem falada, já que a sua comunicação, seu discurso não é feito com propriedade. Essa sensação de falha no discurso me remete ao que disse Lacan sobre o sujeito fora da linguagem, fora do discurso e o problema que isso gera no sujeito.

> [...] não há, para o ser falante que é o homem, lugar fora da ordem da linguagem, na qual ele é constituído como sujeito, essa tese se opõe diretamente às concepções de enunciação como utilização do instrumento língua por um sujeito que para comunicar seu pensamento, estaria sempre em posição de, a partir de uma exterioridade do dito pensamento, avaliar e controlar com domínio real sobre eles, o instrumento e sua utilização. (LACAN apud AUTHIE-REVUZ, 1998, p.181)

João costuma interrogar seu instrutor de natação diversas e diversas vezes. Faz perguntas do tipo "O Tio Luís está aonde"? Durante longos períodos. Quem não o conhece pode perder a paciência com isso. Peço sempre a ele que não repita o que diz

várias vezes seguidas, pois não é necessário já que foi perguntado. João geralmente responde com um “Tá”, para logo em seguida voltar a perguntar, como se a resposta que foi dada não fosse nunca suficiente. Onde João for, seja uma banca de revistas, um restaurante, qualquer lugar que ele anda e encontra adultos - pois com crianças de sua idade ele sempre se mantém em uma absoluta reserva, que chega a intrigar, se comunica contando acontecimentos de sua vida, mas sempre repetindo assuntos que são relevantes ou não, dependendo da situação.

Algo comum, que vem ocorrendo nos últimos meses é a recusa sistemática para almoçar na casa da mãe se eu não estiver presente. Isso tem suscitado pensamentos de intervenção, ou até mesmo de suspensão da minha presença para sentir qual seria a sua reação com a minha ausência. João costuma trazer para os funcionários da casa transtornos que se tornam freqüentes e com freqüência testa as pessoas, sabendo ele que, dependendo da pessoa, algo pode ser obtido. A secretária da casa faz provocações e ele enfaticamente repete com palavras de negativismo. Quando se sente entediado, principalmente quando da realização de tarefas escolares, a ecolalia aparece com força e não tem ninguém que consiga fazer com que se tranqüilize. Simplesmente não adianta falar ou tentar colocá-lo novamente naquilo que está fazendo. Ele passa a repetir e incomodar o irmão mais novo, sem intervalo.

Apesar de todos esses transtornos, João é amado por todos que convivem com ele, isso não podia ser diferente e ao ganhar um irmão, no ano de 2008 conheceu a companhia de outro sujeito pequenino como ele. João atualmente tenta impor a sua vontade a toda prova na tentativa de se impor como irmão mais velho. O inacreditável nisso tudo é que ele se sente responsável pelo irmão em várias situações, numa tentativa de ser o responsável pela “educação” do irmão mais novo, algo que considero inusitado. Ele passa um bom tempo dizendo ao irmão às obrigações que precisam ser cumpridas. O irmão, não obedece de maneira alguma. Considero-o bem independente para a idade que tem, pouco mais de três anos.

Fico muitas vezes observando o seu comportamento diante das pessoas, adultos e crianças, nos lugares onde andamos. Restaurantes, parquinhos, bancas de jornal, piscinas dentre outros. As pessoas não conhecem o que é a síndrome de Asperger (ASD) e fazem comentários a respeito de João, sobre seu comportamento. Talvez pensem que ele é um menino diferente por “só pensar em si mesmo” como escutei certa vez uma mulher falar. O senso comum sobre o Autismo é bem freqüente e o entendimento com relação a esta síndrome ainda é insuficiente para muitos. O não entendimento daquilo que seja o autismo, neste caso a síndrome de Asperger dificulta muito a relação com o outro. Com a compreensão e melhor divulgação sobre o que vem a ser o autismo, as pessoas deixarão de afirmar ou especular, e entenderão melhor sobre o que se passa no mundo de crianças ou adultos mergulhados em um mundo de extrema singularidade:

> Considerar o mundo do ponto de vista do outro parece ser muito difícil para a maioria dos indivíduos com ASD. Se tentarmos imaginar a incapacidade de compreender como alguém se sente ou pensa ou de levar em conta seu ponto de vista, percebemos como o mundo deve parecer confuso e assustador e como as interações sociais devem ser difíceis. Portanto, não é nenhuma surpresa que jovens com a ASD pareçam muito egoístas e tenham um comportamento distinto de outras crianças. Não é exatamente o mesmo que egoísmo. É o problema de compreender outras pessoas. (CHRIS WILLIANS & BARRY WRIGHT, 2008)

João à vista dos outros é apenas uma criança "esquisita" que não reage como as outras, ou "fica repetindo um assunto sem sentido" como escutei de outra senhora. Como fazer João compreender este tipo de comportamento vindo de outras pessoas? É um desafio que muitos ao seu redor estão tentando trabalhar.

João, ao longo desses quatro anos, teve o acompanhamento de psicólogos, - que neste caso visitavam João duas vezes por semana e que atualmente o visitam de 15 em 15 dias, e fonoaudiólogos que trabalharam e continuam até nos dias de hoje a luta para incluí-lo em nosso meio. Não o deixa solitário, vivendo consigo mesmo. Teve aulas de musica domiciliar e hoje João faz judô todos os sábado, na companhia do seu irmão caçula. Seu tempo não se torna ocioso, uma preocupação dos pais, temerosos de que, com algum tempo livre sua condição de autista possa vir a piorar a qualquer momento.

João é uma criança que pouco a pouco vai se descobrindo e enxergando suas dificuldades, ele sofre por isso. Não são poucas as pessoas dispostas a ajudá-lo a sair deste mundo que não quer a sua diferença. Em um mundo competitivo, com as cobranças de seus familiares bem sucedidos, ele deve se sentir um pária, um ser que possui dificuldades para se expressar com a facilidade aparentada pelo seu irmão mais novo. Fico me perguntando, como será o futuro desta criança, como será a vida dele, se não conseguir superar as dificuldades que vão surgir no seu caminho. Dificuldades impostas no convívio com o outro, com o meio social me obriga às vezes ser duro para com ele. Viver é um eterno aprendizado e aos poucos, à medida que a idade se prolonga, João tenderá a compreender melhor as coisas. João tem se esforçado para entrar neste mundo de cabeça, mas o ritmo é lento e gradual.

Apenas o ambiente natural seria a fonte direta de dados, para justificar a abordagem qualitativa da pesquisa para o Estudo de Caso, já que eu tive a oportunidade

de ter um contato direto e prolongado com o objeto de meu estudo. Nestes 5 (cinco) anos que estive com o menino João, pude perceber suas mudanças ao longo do tempo e mantive um contato estreito com o sujeito da pesquisa. Utilizei para isto entrevistas com pessoas que trabalharam com o João, meu contato com ele, a experiência ao longo do tempo, sua escrita, seus desenhos, gravei suas falas em vídeo, enfim, materiais adquiridos durante seu desenvolvimento.

A pergunta que sempre me fiz, neste tempo trabalhando com o menino João, era se ele realmente conseguiria se desenvolver como uma criança igual às outras. Seu ambiente escolar foi observado, seu lar, pais e avós, suas brincadeiras com o irmão, o andar de bicicleta, seus carrinhos, tudo isso na observação me levou à ideia da linguagem como tema central da pesquisa. Nas entrevistas que fiz com as educadoras de meu objeto de pesquisa, procurei observar o contato e a importância que deram ao seu desenvolvimento.

Lendo o escritor argentino Jorge Luís Borges (2008 p.67), em seu texto Nova Refutação do Tempo, observei uma máxima escrita, que me fez pensar sobre sua citação onde falava a respeito da linguagem sendo esta de natureza sucessiva. Para uma criança que claramente possui problemas de ordem linguística, aparentemente não se consegue enxergar onde está essa natureza sucessiva, pois dentro de uma rotina isso não se vê. Uma criança com autismo possui um processo de aprendizado diferenciado de outras crianças. Se a linguagem, como disse Borges, é de natureza sucessiva, procurei, na pesquisa que fiz sobre o menino João todas as coisas que ele produz em sua vida.

Procurei ideias na literatura especializada e também, como no caso de Borges, literatura diversa que tivesse a linguagem como tema. No decorrer de minhas pesquisas me foi pertinente a pergunta: O que vem a ser um Estudo de Caso?

Segundo Robert Yin (2001), um Estudo de Caso seria uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto na vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Tenho base assim na literatura existente sobre o Autismo, trabalhei e usei tudo o que poderia me ajudar na compreensão do que vem a ser o Autismo. Utilizei além de muitas gravações com o menino João, seus materiais de escrita, produzidos em seus ambientes escolares e também produzidos em casa. Seus desenhos e também materiais coletados por mim, como cadernos onde escrevi, sobre todas as coisas que ele fazia um diário de campo, ao longo dos cinco (5) anos de acompanhamento. O meu caso é único, não existe no planeta nenhum outro parecido com o que analisei e observei neste tempo. Ele é único em suas singularidades existenciais, o João é único, sua existência é única.

CAPÍTULO 3 – Metodologia

3.1. Análise dos dados

Por meio das observações e entrevistas feitas com duas educadoras que acompanharam João, esta análise investiga por meio da abordagem psicanalítica e do referencial educacional obtido por mim durante o curso de Pedagogia na UnB e que ambas as profissionais em questão possuem as representações e ideias construídas a respeito do desenvolvimento escolar de João e conseqüentemente tudo o que diz respeito à escrita, fala e desenho que fazem parte do universo do mesmo. Doravante, procurando compreender o entendimento que João possui do mundo.

Desde sua descoberta por Leo Kanner em 1943, quando o mesmo agrupou pela primeira vez um conjunto de comportamentos característicos que onze crianças manifestaram (PEREIRA, 1999), o autismo tem sido tema de grande interesse para áreas diversas. Na área científica, o autismo é um conceito que assume sentidos diversos, por vezes contraditórios entre si, em função das várias abordagens teóricas que tentam a compreendê-lo. Existem defensores da abordagem psiquiátrica, da teoria cognitivista e também da abordagem psicanalista, essa que foi feita nesta análise. Segundo Barros (2006), a abordagem psicanalítica procura voltar-se menos para questões etiológicas e mais para as clínicas, propondo uma análise do autismo a partir das primeiras relações objetais do bebê. Podemos observar que tais relações objetais ocorrem em vários contextos sociais, principalmente na escola, onde educadores estão a todo momento lidando com questões profundas que poderiam ser comparadas às questões clínicas, terapêuticas. Os educadores trabalham com várias formas de linguagem que as crianças possuem e por meio de suas observações acreditam que a criança autista também expressa um tipo peculiar de linguagem.

Existem contradições que oscilam entre acreditar que essas crianças possuíam linguagem e eram capazes de se comunicar e entre negar tais capacidades. (CAVALCANTI & ROCHA, 2002) Assim como Kanner (1997, p.170), este autor, acreditava que essas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata em estabelecer o contato afetivo habitual com as pessoas exatamente como outras crianças vêm ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais.

As concepções de Kanner deixaram profundas marcas nas subseqüentes construções sobre o autismo, especialmente nas teorias psicanalíticas. As inúmeras metáforas e imagens trazidas pela psicanálise foram ajudando a tecer o imaginário cultural sobre o tema. (CAVALCANTI e ROCHA , 2002)

O esforço em pensar a escolarização de crianças autistas se faz necessário a partir das representações educacionais de duas educadoras envolvidas no cotidiano escolar do menino João uma vez que as concepções dessas educadoras permitem entender um pouco daquilo que se passa no dia a dia do mesmo. As representações que cada educadora adquiriu, dizem respeito ao processo de construção e reconstrução da escrita, fala e desenho operados pelo menino João durante o período em que este esteve sob orientação das mesmas.

Foi escolhida a análise de conteúdo temática de Bardin (1977). Nessa perspectiva, realizou-se as entrevistas, foi feita uma imersão no conjunto das informações obtidas pelas educadoras, de forma a compreender a visão que as mesmas possuem com relação ao autismo e como é/foi trabalhar em sala de aula com o menino João, sem encapsular os dados em categorias prévias. Utilizei, nas entrevistas gravação e caderno de apontamentos. Fui às escolas em que as professoras trabalhavam na parte da manhã. A partir da leitura cuidadosa de cada entrevista, identificam-se os principais temas trazidos pelas entrevistadas, buscando-se localizar as concepções sobre o autismo associadas aos temas escrita, fala e desenho.

Fragelli lembra que o sujeito da psicanálise não é aquele que determina e usa a linguagem como um instrumento, e sim aquele que é determinado por ela, estando a ela assujeitado (2002, p. 21). Mais adiante, retoma a ideia, para incluir a escrita nessa ideia de linguagem: “A escrita passa a ser entendida como uma modalidade da linguagem, ou seja, assim como a fala, opera como uma linguagem, nesse sentido, é anterior ao sujeito e participa da sua constituição” (p. 26).

3.2. Resultados e discussões

3.2.1. O convívio

Neste ponto, as educadoras recorrem sobre como foi trabalhar com o menino João. Prevalecem certezas em relação às emoções e dificuldades que estão envolvidas no trabalho com uma criança autista.

" Quando você me pergunta sobre como foi à experiência de trabalhar com João, a certeza que tenho é de que para mim foi uma experiência única, pois quando se trata de autismo e principalmente de um ser humano a resposta que posso lhe dar é que todos são únicos apesar de existir sintomas ou características. Somos especialmente únicos e é sempre gratificante trabalhar com o "Outro" e suas singularidades'. (suj.1)

" […] então para mim, trabalhar com uma criança autista é sinônimo de estudo, de aprendizagem, amadurecimento profissional, amadurecimento emocional, você precisa ter um equilíbrio emocional para poder trabalhar com eles porque existe mesmo a transferência. A gente está em contato direto com uma criança, só durante quatro horas todos os dia com ela, não tem como não se importar, você precisa perder a noção de dom, de talento, e entender isso como um trabalho profissional que demanda técnica, que tem um período de duração e aí você não se vincula emocionalmente e o risco é você se vincular emocionalmente, deixar de trabalhar pedagogicamente em função deste vínculo emocional então, é uma coisa muito complexo é uma coisa que demanda intenção, não é só ir lá e fazer, você tem que se preparar, você tem que se organizar, de todas as formas, emocionalmente, fisicamente, porque haverão momentos que você precisará correr, precisará subir em árvore, precisará andar de bicicleta, você precisará soltar pipa. Você precisará, enfim, segurar às vezes... Suportar uma mordida que não é para você, aquela agressão, quando ele agride não é como uma pessoa que quer agredir você, especificamente você uma pessoa que você quer agredir se estou com raiva de você eu vou te bater como uma pessoa convencional faria não, ele agride porque ele não compreende, aquela demanda de informação é caótica, então ele vai ficando irritado porque ele não entende como a cabecinha da criança não consegue ingerir tanta informação , então ela entra no caos e a forma que ele tem que sair do caos é gritando , é jogando coisas porque é uma coisa sensória, que toca, é uma coisa que explode, então a raiva não é contra você, é contra o não conseguir comunicar, e a gente ensina a se comunicar, olha aí a importância do pedagogo, né, o nosso papel é esse a gente ensina, não existe nada que nos trabalhamos na sociedade mundial, na sociedade de pessoas humanas que não possa ser ensinada, então regras são ensinadas, formas de pensar são ensinadas, formas de agir são ensinadas, então sim, é um trabalho árduo, sim é um trabalho recompensador porque na verdade quem lucra mais somos nós, mas a gente faz a diferença na vida de uma criança, um divisor de águas na vida de uma criança, com certeza, mas eles também influenciam de tal maneira que passam a ser um educador diferente na hora que a gente encontra um autista na nossa frente, na nossa profissão". (suj. 2)

A ideia de conexão emocional e de dificuldades no trabalho e de amadurecimento profissional é prevalente no discursos das duas educadoras. A educadora que pensa o ser como único (suj. 1) comenta que apesar de haver uma síndrome, entende de certa forma que as pessoas não são diferentes no sentido físico, intelectual, mas seres que possuem característica únicas, próprias. Neste discurso entende-se que a professora não possui preconceitos com relação ao autismo trabalhado o aluno como outros de sua classe.

Possivelmente não existe aí um desconforto corrente, trabalha-se o autista de forma plena e natural.

Nos discursos de uma das professoras, (Suj.2) percebemos uma maior diferenciação com relação a uma criança diagnosticada como sendo autista. Existe uma preocupação constante no que diz respeito aos momentos de ensino-aprendizagem e também nos momentos de diversão. Uma tendência em explicar respostas é exacerbada e expor as dificuldades do trabalho que existem quando se trata de uma criança autista.

As explicações dessas duas professoras nesta entrevista parecem seguir a mesma direção quando se trata de ensino-aprendizagem ao mesmo tempo em que buscam tentar lidar de forma natural com a mesma vindo a tratar uma criança autista como as outras ditas "normais".

3.3. Abordagem

Aqui as educadoras expõem quais as abordagens que propõem no decorrer de seus trabalhos com o menino João. Falam de suas atuações em sala de aula e de como ocorre o trabalho utilizando estas abordagens.

"A psicanálise é um campo do conhecimento onde o objeto são os processos inconscientes onde os mesmos produzem conceitos como o desejo de saber, sublimação, pulsões e transferências onde podem ser muito úteis para a educação tornando-se necessário principalmente quando se trata de autismo onde nós professores trabalhamos com a exclusão. Há a necessidade de trabalhar a subjetividade da criança autista tentando trazer o verdadeiro eu existente nesta criança colaborando com a aprendizagem e sua relação professor/aluno'". (Suj.1)

"Sou professora formada na Universidade de Brasília, então a minha metodologia de trabalho aprendida lá é montessoriana, tem base no construtivismo, no materialismo dialético então é mais crítico, e a escola que eu vim trabalhar é montessoriana, com base no umbesque ultrapassando as barreiras do método, é eu tava lendo ficava treinando, pesquisando metodologias de alfabetização, o método silábico, o método fonético, tentando, né, tentando um método meu encontrar um método que se adequasse mais ao João" […] (Suj.2)

A educadora (Suj. 1) Fala um pouco sobre as teorias psicanalíticas contemporâneas como fazendo parte de seu trabalho. Faz questão de frisar sua escolha. Durante seu trabalho a professora foca na construção da imagem do corpo da criança autista, primeiro tempo na constituição de um sujeito. A educadora procura estabelecer uma relação onde auxilia primeiramente na construção do eu da criança antes de pensar em estimular seus conhecimentos acerca dos estudos sistemáticos da escola.

A educadora (Suj. 2) se auto define como uma construtivista. Sua definição de trabalho e como a mesma atua em sala de aula nos lembra à atual especificação da síndrome de Asperger ou dos chamados autistas de alto rendimento, cuja inteligência está preservada e que apresentam algumas habilidades cognitivas precocemente, apesar de severos prejuízos nas habilidades de interação social (ORTEGA, 2008). Para esta professora o trabalho intelectual torna-se muito importante para que a criança possa se desenvolver socialmente.

3.4. Processos de escrita, leitura, desenho, fala e pensamento lógico-matemático

Segundo Jerusalinsky (1999a, p. 54), a criança entra no campo da linguagem muito antes de começar a falar, e é isso que nos diferencia de outros animais: tomamos os signos não como algo fixo, mas como significantes. Portanto, podemos transportar um mesmo significante para contextos como a escrita, fala e desenho em séries diferentes, dando significados diferentes. Como toda criança nasce inserida no campo da linguagem que é anterior a ela, no campo dos significantes transmitidos pelo Outro, aqui se faz presente um pouco disso presente no dia a dia da sala de aula com o menino João e suas educadoras.

"O João já chegou com um repertório prévio, mas procurei não cobrar exageradamente a leitura, a escrita e todas esses processos que você citou. Acreditei que João tinha seu momento de aprender procurando estimulá-lo trabalhando os pré-requisitos nos aspectos motor, cognitivo, afetivo e social. como falei anteriormente cada ser humano é único, mas quando se trata de uma sala de aula, muitas vezes trabalhamos de forma igual, não podendo observar da melhor maneira possível as habilidades de cada aluno, por isso resolvi buscar embasamento em alguns atores como Freud, Vygotsky, para que assim pudesse ser respeitado o ritmo do João tendo em vista que esses primeiras aprendizagens poderiam ser decisivas para sua vida.

João tinha muita habilidade com garatujas sobretudo quando desenhava. Ele tinha grande influencia de seu pai no que diz respeito a desenhos, particularmente de super-heróis. Ele costumava desenhar e escrever - garatujas logo depois. Suas representações sempre estavam ligadas a pessoas próximas. Observei que uma figura ao qual ele tinha

grande afeto sempre era representada em seus desenhos. Perguntei de quem se tratava e o máximo que conseguia me dizer era nomes de bandas de rock e o nome Paulo. João gostava de cores fortes e desenhos marcados por linhas 'duras', me lembrava muito os desenhos do Ziraldo o que eu achava algo bem interessante.

Sempre que possível procurava trabalhar com o material dourado a fim de expandir seu pensamento lógico-matemático o que resultava em ecolalias numéricas. Pude perceber um progresso relacionado a números por parte do João, apesar de não conseguir ter a habilidade sistemática de soletrar algarismos numéricos." (Suj. 1)

"O João, nos aspectos de linguagem pode colocar aí. Considerando que a gente tem por inteligência múltipla. O João ele é plenamente letrado, alfabetizado. Então, assim a nível de criança de dez, onze anos de forma alguma ele comete enganos ortográficos, de forma alguma ele comente enganos fonéticos ou seja de escrever, enfim. Na transcrição de fala ele usa os sinais de pontuação ele precisa da acompanhante por quê? Porque dos detalhes da escrita, quebra de linha, margem coisa que pra ele não faz muito sentido ainda então ele precisa do acompanhante pra está delimitando o espaço onde ele trabalha. Ele não vê muito o caso,isso é uma coisa ensinada, é um processo longo. Então o aprendizado de classes gramaticais ele domina, saber o que são artigos, pronomes, substantivos, verbos, interpretação de texto, ele precisa da leitura entonada para interpretar o texto de forma plena, mas havendo uma pessoa que leia o texto para ele. Não é que ele não seja capaz de ler o texto, mas as entonações que fazem sentindo ao texto ele precisa de uma pessoa para ler para ele com ele e aí sim ele é capaz de interpretar. O desenho dele é extremamente expressivo, tem um traço próprio, é capaz de todas as crianças ficam qualquer pessoa que conhece o João identifica o traço dele no que ele faz...então ele tem um talento nato para representação gráfica, ele consegue representar o aprendizado dele através de desenhos" […] (Suj. 2)

Aqui as educadoras expressam seus olhares sobre os trabalhos do menino João em sala de aula no que diz respeito à escrita, fala e desenho assim podemos observar na fala das mesmas que todos esses três tipos de "linguagem" são alcançados pelo mesmo em seu ambiente de aprendizagem.

Desde o início João estava dentro de um mundo voltado à escrita, pertencia à escrita por ter um pai que além de gostar do desenho, também lê bastante, vive em um ambiente que é todo cheio de livros e revistas em quadrinhos por todos os cantos. Podemos encontrar por lá pranchetas várias para desenhar, lápis coloridos, borrachas, enfim, tudo que faz uma criança começar a se interessar pela escrita e desenho. Posso dizer que João estaria "destinado" a sair de seu mundo ensimesmado para poder compartilhar de tudo o que nós, ditos "normais" temos o prazer de conhecer. Suas primeiras garatujas, seus desenhos ainda "primitivos" mostram bem isso, tentativas toscas

de escrever seu nome, desenhos de pessoas, procurando um estilo que me soava parecido como do pai, quase um arremedo, uma cópia do que o pai faz.

Foucault nos fala sobre este início, onde antes da escrita, existe o desenho, seria a porta de entrada para a escrita. Representar graficamente o sentido das palavras é, na origem, fazer o desenho exato da coisa que ele designa, na verdade quase não é uma escrita, quando muito uma reprodução pictórica (1981, p. 128) Desenhos aos montes, por todos os lados, todas as horas, onde ele estivesse, na escola, nos restaurantes em que freqüentava com o pai e o avô, tudo era razão para desenhar, mas desenhar figuras humanas, nada de desenhos de carros, casa, somente desenhava pessoas, eu, o pai, o avô, amigos da escola, enfim, pessoas próximas a ele. João tem o desejo de representar uma forma de comunicação, ele quer dizer algo com estes desenhos:

> Nesse complexo conjunto promotor de crescimento, em que a criança pode explorar toda a sua potencialidade criativa, o brincar e o desenho desempenham um papel fundamental enquanto manifestações expressivas, meios de comunicação, esses com as quais a criança demonstra seus sentimentos, suas vontades. (WECHSLER, 2003)

Ao desenhar, João se concentra muito e percebo que isso é algo que o auxilia a tentar organizar-se:

> As atividades lúdicas da criança pequena... ajudam-na a vencer o medo dos perigos, tanto internos, quanto externos, fazendo a imaginação comunicar-se com a realidade na sua luta contra a angústia. Com esse objetivo, o Ego explora cada um dos mecanismos ligados à realização dos desejos. Assim, graças a um complexo processo que mobiliza todas as energias egóicas, os brinquedos das crianças transformam a angústia em prazer. (KLEIN, 1932, p. 197)

É visível o prazer que João sente ao desenhar, as cores, os traços, essa “linguagem” tão particular que ele transfere para o papel me faz mais curioso e atento sobre tudo o que João quer dizer para o mundo.

A escola o auxilia bastante neste sentido. Neste ambiente João além de está sempre partilhando de saberes sistematizados aperfeiçoa seus desenhos. Lá, João organiza em muitos casos sua escrita em parceria com seus desenhos e seus colegas de turma. A escola para as crianças serve - além dos pais, de referência, enquanto fazem parte do universo de iguais, ocupam o lugar do semelhante, do companheiro de brincadeira. (MEIRA, 2002)

Na escola, João descobriu que existe um mundo além da casa dos seus pais, com colegas e professoras. Percebeu que além das brincadeiras, existe também um mundo de "responsabilidades", coisas para aprender, alfabetos para decorar, caligrafias, tarefas de matemática várias outras disciplinas. Seu senso de responsabilidade de alguma forma aflorou, mesmo quando em certos momentos João tente se rebelar contra as muitas coisas que precisa fazer.

Ao mesmo tempo em que sua escrita fica cada vez mais sofisticada, seu desenho também passa por um imenso processo evolutivo. Seus desenhos de início se mostram "primitivos", desenhos de pessoas, suas primeiras tentativas de revelar suas representações para o mundo. A evolução é surpreendente neste tempo em que eu o acompanho quase que diariamente. Seus desenhos continuam sendo um retrato de pessoas que lhe são próximas. Seus cadernos estão cobertos de textos que ele produz, quase sem nenhum auxílio externo, escreve sobre seus dias, escreve sobre o que andou fazendo, quando eu não o acompanho e quando está comigo, faz redações, manda mensagens pelo computador para o pai e para mim, enfim, ele escreve de maneira clara para quem lê.

Podemos observar algum reconhecimento seja de si ou do outro por meio de tentativas auxiliadas pelas educadoras e também por mim. O desejo dele de colocar algo no papel é fundamental para algum progresso. Suas primeiras tentativas foram por meio de seu nome próprio logo, em seguida iniciou-se o copiar de nomes de 'super-heróis', algo muito presente em seu universo. Nesse caso, João sempre respeitou as linhas, mas no caso das margens há e sempre houve a necessidade de impor um limite, fazendo com que estas se tornem aparentes. Utilizando canetas mais escuras a feitura de bordas é iniciada sempre que o menino João necessita terminar alguma tarefa. Percebemos que João escreve palavras utilizando holófrases, ou seja, não há separação das mesmas como se isso expressasse uma ideia completa.

Segundo Laznik (1997), um dos problemas das crianças autistas é que as mesmas não utilizam nenhuma separação entre as palavras, mesmo na chamada linguagem dita "pós-autística". Trata-se, nestes fenômenos holofrásicos, da dimensão do equívoco estar banida. Por não funcionarem como significantes que se remetem a outro em cadeia, não há o aparecimento do sujeito do inconsciente, dividido. Mas aos poucos João começa a

significar sua escrita fazendo ligação entre significante e significado, passando de um estádio de foraclusão para a solidificando de S1 e S2, resultando aí um reconhecimento se um 'sujeito' existente dentro de si.

Apesar de João conseguir vencer a foraclusão do Nome do Pai existente em si, observo que em sua escrita sempre existiu a presença de anáforas. João insiste em iniciar seus textos com repetições. A presença de metáforas, metonímias e neologismos se encontram ausentes, enquanto a presença de holófrases anteriores e anáforas ainda presentes são e foram constatadas em sua escrita.

No que diz respeito à letra o menino João iniciou sua escrita com garatujas, ou seja, letra mal feita, rabisco na tentativa de representar aquilo que de certa maneira interpreta do mundo para em seguida adquirir controle sobre a letra de impressa ou caixa alta em suas escritas, havendo assim uma melhor compreensão daquilo que sente desejo em transmitir. Merece destaque aqui a pontuação do menino João no qual a mesma pode aparecer como rasuras, espaços em branco e até breves desenhos. (RODRIGUES & SHAFFER, 2011) Sua pontuação aparece como espaços em branco, apesar de ter adquirido o conhecimento no ensino sistematizado sobre o assunto, só as utiliza quando é estimulado pela voz do outro, de forma mecanizada. No entanto quando lê seus próprios escritos não lança mão destes espaços lendo também de forma mecânica e continua.

Quanto à fala João é um menino que consegue se expressar muito. Fala muito, o tempo todo. Mas não há presença de expressões vocabulares. Muito distantes daquilo que costuma ocorrer ao seu redor. A ecolalia é algo presente na sua vida. Repetição e repetição, fazendo as pessoas a sua volta ficarem nervosas com isso. João sente extrema dificuldade em estrutura seus pensamentos para estes sejam verbalizados. Costuma falar da camiseta, do sapato, da banda de rock, da bermuda, do tênis, do boné, uma infinidade de objetos que me faz pensar nas listas que ele não produz quando escreve. Ele lança mão da fala para se comunicar, pede algo que o interessa. De início não acontecia, pois o ato de pedir não existia. O interlocutor tinha muitas vezes que adivinhar o que o menino João queria. Isso era algo extremamente desgastante no convívio familiar e também da escola, pois se ele queria um simples copo de água e não pedia tanto o pai quanto a mãe ou o professor se via em maus lençóis se esquecessem. Com relação a este ato de nomear objetos ou coisas, Foucault nos diz que:

> As coisas e as palavras estão muito rigorosamente entrecruzadas: a natureza só se dá através do crivo das denominações e ela que, sem tais nomes, permanece muda e invisível, cintila ao longe, por trás deles, continuamente presente para além desse quadriculado que, no entanto, oferece ao saber e só a torna visível quando inteiramente atravessada pela linguagem. (1981, p. 175)

João sempre me passou a impressão de entender tudo o que ocorre ao seu redor, mas a sua dificuldade no momento de expor algo se torna “embaralhada”, vindo a ser expressa por meio de ecolalias, aparentemente sem nenhum sentido, mas que, para ele, isto parece ter sentido. A comunicação feita parece não ter sentido nenhum, mas a pergunta que me ocorre é sempre a mesma: Se ele entende um mando, porque não consegue fazer uma pergunta simples? Resposta que o estudo sobre o autismo ainda não conseguem me responder.

João me parece preso a um círculo vicioso em que não consegue se libertar, ele é um escravo da ecolalia e até o momento ela tem conseguido vencê-lo causando em muitos casos situações desagradáveis para quem não o conhece. Novamente com relação à linguagem Foucault citando Thomas Hobbes a define como:

> Um sistema de sinais que os indivíduos escolheram, primeiramente, para si próprios: por essas marcas, podem eles recordar as representações, ligá-las, dissociá-las e operar sobre elas. São esses sinais que uma convenção ou uma violência impuseram à coletividade; Mas, de toda a maneira, o sentido das palavras só pertence à representação de cada um e, conquanto seja aceite por todos, não tem outra existência senão no pensamento dos indivíduos tomados um a um. (1981, p. 102)

Assim, do espectro autista podemos inferir que a criança constitui-se internalizando sua língua materna (sistema de sinais), ou seja, construindo representações sociais como os indivíduos ditos “normais”, mas, de forma muito peculiar. Foucault explica que:

> […] a linguagem só é conhecimento sob uma forma irrefletida; impõe-se do exterior aos indivíduos que ela guia, quer queiram quer não, em direção a noções concretas ou abstratas, exatas ou pouco fundadas... e continua [...] Saber é falar como se pode e segundo o modelo que impõe aqueles com quem se partilha no nascimento. (1981)

Então vemos assim que, para ele, a linguagem vem primeiramente dos pais, para os filhos, primeiramente da mãe, que repassa ao filho a linguagem que importa.

No que diz respeito à sua linguagem, em especial à ecolaica, o autista exprime seus pensamentos por meio de signos. Segundo Locke (1729), é das ideias daquele que

fala que as palavras são signos e ninguém as pode imediatamente fala. Esses signos representam seu interior, por meio de marcas Hobbes aonde reminiscência de episódios anteriores vem à tona demonstrando seu desejo de atuar no mundo, contudo aquilo que a criança autista exprime, não necessariamente possui algum sentido para ela mesma, e sim para quem escuta:

> [...] A palavra homem certamente excita em quem escuta a ideia de homem, contudo, não significa que haja alguma ideia na mente de quem fala, mas que (este) quer dizer algo que poderia começar pela palavra homogêneo. Portanto a natureza do nome consiste primeiramente em que sejam marcas empregadas, para memorizar; Mas sucede que servem também para significar e demonstrar as coisas. (HOBBES, 2009, p. 41)

Propondo uma interseção entre o escritor James Joyce (Finnegans Wake) e a criança autista, podemos perceber que existe uma relação entre a criação de uma linguagem e o esforço para que a mesma seja ouvida e entendida. Percebemos aí, uma tentativa, um reconhecimento por parte da criança autista na busca de sua inserção social.

Então, ao reconhecermos a proposta que a criança autista nos oferece, por meio de seus desdobramentos sejam eles falado, escrito ou desenhado, Foucault (1981), nos leva a compreender a direção ao ato soberano de nomeação que a mesma através da linguagem caminha até o lugar onde as coisas e as palavras se ligam em sua essência comum e que permite dar-lhes um nome, que neste caso é João. Se João venceu desafios dentro deste mundo escrito na linguagem, a fala ainda permanece limitando sua vida.

Considerações Finais

Esta Monografia me mostrou diversas perspectivas de encarar a vida de forma diferente daquela que eu tinha quando ouvia casos de como os autistas se comportavam. O trabalho que exerço com o menino João apoiado pelo curso de Pedagogia me abriu portas, motivando-me a trabalhar com crianças autistas. Assim, a pesquisa realizada teve como objetivo oferecer dados à compreensão daquilo que vem a ser um autista em sua singularidade por meio de um Estudo de Caso, apoiado pelo convívio que tive a oportunidade de ter com o menino João e também por entrevistas efetuadas com duas educadoras que acompanharam o menino João por um dado período.

Um autista é um ser profundo e múltiplo, não acredito que a experiência que me foi dada por meio dos estudos e pesquisas sejam suficientes para interpretar na real o infinito que vem a ser o menino João. Contudo, pretendi colaborar para auxiliar pais, alunos e educadores em suas dúvidas, dificuldades que venham a ter e as várias "tempestades" que surgem no decorrer de suas vidas no que diz respeito ao autismo e suas particularidades.

Crianças como o menino João às vezes é incompreendido no seu dia a dia, não só por aqueles que os acompanham, por aqueles que estudam sobre o assunto, mas em sua grande maioria por aqueles que estão próximos. Felizmente, hoje temos bem mais informações comparadas àquelas que tínhamos há 30 anos. As pesquisas se aprofundaram, estudos foram feitos nos abrindo perspectivas para o tratamento e acompanhamento de crianças autistas. Assim, procurei ampliar a discussão sobre o mundo autista e um pouco do que nele existe, para que pais, educadores e principalmente os próprios autistas se beneficiem de alguma maneira, proporcionando-lhes qualidade de vida seja ela ligada ao âmbito social, profissional e pessoal.

PARTE 3

Perspectivas Profissionais

Pensando no futuro, tenho visto que a conclusão do curso de Pedagogia trará coisas boas, algumas delas são, trabalhar como professor de crianças com necessidades educacionais especiais incluindo aquelas com Autismo. Exercendo aquilo que aprendi na Universidade quero trabalhar naquilo que hoje reconheço como importante na minha vida. Pretendo também fazer mestrado e em seguida um doutorado. Como tenho pretensões de vir a ter uma especialização, pretendo estudar o Autismo, tenho o desejo de escrever livros tendo como tema o mesmo e também escrever sobre Filosofia, área que gosto, História e Educação. A clínica psicanalítica e psicopedagógica me atraem, portanto penso na ideia de exercer ações voltadas para estas duas áreas, tentando ajudar aqueles que vierem a me procurar. O futuro não posso prever, mas tenho pretensões de que este vai acontecer da forma como citei anteriormente, pois estou trabalhando para isto. Quando se trabalha, se deseja uma coisa fortemente isto acaba acontecendo, aparece assim, como uma representação que se torna algo concreto.

Referências

AUTHIE-REVUZ, Jaqueline. ***Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)***. Caderno de Estudos da Lingüísticos**.** Campinas, n. 19, p. 181, jul/dez, 1990.

BARDIN, Laurence. ***Análise de conteúdo***. Lisboa: Edições 70, 2007.

BARROS, Mônica Cunha Nezan de. ***Do plural ao singular***. LEPSI IP/FE-USP, São Paulo, ano 6, jun.2006. Disponível em : <http://www.proceedings.scielo.br>. Acesso em 12 jul. 2012.

BERNARDINO, Maria Fischer; DUNCKER, Ingo Lenz; KUPFER, Maria Cristina M. ***Autismo e tratamento psicanalítico***. Mente e Cérebro, s.n, ano, nº 240, p. 40-45, jan. 2013.

BETTELHEIM, Bruno. ***A fortaleza vazia***. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BORGES, Luís Borges. ***Antologia pessoal*.** São Paulo: Companhia das letras, 2008.

CALAZANS, Roberto; MARTINS, CLARA Rodrigues. **Transtorno, sintoma e direção do tratamento para o autismo.** USP Revista – Estilo da Clínica, São Paulo, volume XI, 2007.

CAMPANÁRIO, Isabela. ***Espelho, espelho meu:*** *a psicanálise e o tratamento do autismo*. São Paulo Álgama, 2008.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. ***Autismo***. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 39-65.

FOUCAULT, Michel. ***As palavras e as coisas****: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FRAGELLI, llana Katz Zagury. ***A relação entre escrita alfabética e escrita inconsciente****: um instrumento de trabalho na alfabetização de crianças psicóticas*. 2007. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOBBES, Thomas. ***Do corpo-parte 1:*** *Cálculo ou lógica*. Campinas: UNICAMP, 2009. p. 41.

JERUSALINSKY, Alfredo; FENDRIK, Silva (Orgs.). ***O livro negro da psicopatologia contemporânea***. São Paulo: Via Lettera, 2011.

_____. ***Para compreender a criança: chaves psicanalíticas***. São Paulo: Instituto Langage, 2011.

_____. ***Psicanálise do autismo infantil***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

KLEIN, Melanie. ***Psicanálise da criança***. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

LAZNIK-PENOT, M.-C. ***Rumo à palavra***. *Três crianças autistas em psicanálise*. São Paulo: Escuta,1997.

MEIRA, Ana Marta Goelzer. ***Algumas considerações a respeito do diagnostico de autismo na infância***. In: Escritos da Criança. Nº 5. Centro Lydia Coriat de Porto Alegre, 1996. p. 73-78.

ORTEGA, Francisco. ***O corpo incerto*** *corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro Garamond, 2008.

PENNAC, Daniel. ***Como um romance***. Rio de Janeiro: Rocco L. & PM Pocket, 2008.

PEREIRA, Edgar Gonsalvez. **Autismo**: Do conceito à pessoa (2ª ed.). Lisboa: Secretariado nacional de reabilitação, 1996.

RODRIGUES, Fátima Lucília; SHAEFFER, Margareth. ***Singularidades no processo de escrita de sujeitos em estruturação psicótica***. Linhas Críticas: Revista da Faculdade de Educação – UnB, Brasília, v. 17, nº 33, mai/ago.2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. ***Emílio; ou, da educação.*** São Paulo: Difel-Difusão Européa do Livro, 1968.

SOUSA, P.M.L; SANTOS, I. M.S.C. ***Caracterização da síndrome autista***. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0259.pdf>. Acesso em 12 ago.2012.

WECHSLER, Solange Muglia. ***Avaliação do desenvolvimento cognitivo infantil pelo desenho da figura humana***. Revista Boletim de Psicologia, São Paulo: Sociedade de Psicologia de São Paulo, vol. LIII, 119, jul/dez. 2003.

WILLIAMS, Chris; WRIGHT, Barry. ***Convivendo com o autismo e síndrome de asperger***. São Paulo: M. Books, 2008.

YIN, Robert. ***Estudo de caso, planejamento e métodos***. São Paulo: Booksman, 2001.

Apêndices

Apêndice 1 – Entrevistas

Sujeito 1: Idade 30 anos

Tempo de experiência docente/formação- 9 anos- Pedagogia/ Especialização em Psicopedagogia.

1 - Como foi ou tem sido a experiência de trabalhar pedagogicamente com o João?

R – Bom, nós começamos a trabalhar juntos ‘eu e João’ quando o mesmo estava no primeiro ano do ensino fundamental. Já estava ciente de que João tinha a síndrome autismo, pois já tínhamos nos reunido ‘eu a coordenadoria’ para conversarmos sobre o João.

A princípio, antes de começar as atividades com os alunos gosto de observá-los, tentar conhecê-los melhor, pois assim, considero que o ensino-aprendizagem se torne de fato melhor. Na turma em que eu fui professora regente havia no total 12 crianças, sendo que crianças com ‘deficiência’ eram 2 na sala de aula. Fui informada que a outra criança foi diagnosticada e que se tratava de uma criança com paralisia infantil.

Em sala de aula havia uma monitora para me auxiliar com os alunos, principalmente com aqueles que citei anteriormente.

Se tratando particularmente de João, de início observei a presença de ecolalia que como você já sabe Paulo é a repetição de palavras ou frases inteiras, muito comuns em autistas. Existe a tendência de repetir o que você fala logo após alguém ou você ter dito algo, eles guardam na memória até frases inteiras e repetem depois mas não sabemos exatamente o motivo deste ato. o diagnóstico precoce e a implantação correta dos tratamentos que seus familiares trataram de inseri-lo podem ter resultado em significativa melhora no desenvolvimento de João e em sua qualidade de vida seja ela familiar ou escolar. Me foi informado que o modulo educacional *son-rise* estava sendo utilizado como auxílio para o seu aprendizado.

João também era muito agitado com presença de maneirismos e movimentos estereotipados, geralmente crianças com autismo apresentam esses sintomas que no caso dele era muito acentuado.

Depois de observar e respeitar os 'rituais' de João durante uma semana pude perceber que ele era uma criança calma. Ele não tinha o controle do esfincter, porem como eu já tinha tido a experiência trabalhando como baby-sitter não senti dificuldades na tarefa.

Considerei que a melhor forma de trabalhar com João seria por meio das formas que tive contato na teoria e pratica utilizados durante minha experiência com o autismo. Procurei estabelecer um vínculo, algo de extrema necessidade quando se trata de crianças autistas. Procurei selecionar os brinquedos bem chamativos para que a atenção de João fosse atraída. Procurei especialmente um boneco para trabalhar com as partes do corpo, movimentos, as funções e a oralidade. Com o auxilio dos brinquedos que considero muito importantes para o desenvolvimento das crianças criei jogos, brincadeiras e também histórias. Trabalhei também utilizando números, pesos, quantidades, espessura, diferenças de tamanho, sempre ressaltando o 'toque' sobre as superfícies dos objetos. Sempre gostava de levar o João para o jardim da escola para que ele pudesse observar outras crianças, seus modos de brincar e conversar.

Quando você me pergunta sobre como foi a experiência de trabalhar com João, a certeza que tenho é de que para mim foi uma experiência única, pois quando se trata de autismo e principalmente de um ser humano a resposta que posso lhe dar é que todos são únicos apesar de existir sintomas ou características, somos especialmente únicos e é sempre gratificante trabalhar com o 'outro' e suas singularidades.

2 - Como foi e tem sido a experiência de trabalhar pedagogicamente com o João?

R – Eu me formei em pedagogia focando a linha psicanalítica.

Vários autores contribuíram de forma importante para com a educação influenciados como eu pela releitura de Lacan da obra de Freud. Procurei durante minha relação professor-aluno, no caso o João, não criar nenhum tipo de barreira, tentando derrubar quaisquer proteção ou resistência por parte de ambos. Creio que na educação, ou seja na pedagogia repetem-se muitos dramas familiares. O aluno possui uma serie de desejos, pois se trata inteiramente de um ser desejante. Aqui na escola os desejos dos alunos se confrontam com os desejos dos professores, sendo que este está ligado a um ideal pedagógico. Existe aí uma relação de poder, existe um desejo inconsciente do professor.

Ambos tendem a se confrontar em uma relação de poder chegando a ser um bloqueador por parte do professor e seu aluno.

Existe uma necessidade de destacar o papel do professor para com a criança. A criança ao entrar na escola tende a transferir para a figura de nós professores, o respeito e a obediência que antes eram dadas aos pais, de forma a nos tratar como seus próprios pais.

Considero que as práticas educativas com base na psicanálise me ajudam na reflexão e me permite fazer minhas escolhas em sala de aula, em minha atuação pedagógica. Essa base, apesar de partir de teorias, não impõe a aplicação de alguma teoria na prática, possibilitando esta reflexão e conscientização das praticas em sala de aula.

A psicanálise é um campo do conhecimento onde o objeto são os processos inconscientes onde os mesmos produzem conceitos como o desejo de saber, sublimação, pulsões e transferências onde podem ser muito. Úteis para a educação tornando-se necessário principalmente quando se trata de autismo onde nós professores trabalhamos com a exclusão. Há a necessidade de trabalhar a subjetividade da criança autista tentando trazer o verdadeiro eu existente nesta criança colaborando com a aprendizagem e sua relação professor/aluno.

3- Como você enxerga os processos de escrita, leitura, desenho, fala, pensamento lógico-matemático nas produções do João?

R – Bom, sabemos que João é uma criança autista e como tal possui algumas dificuldades, assim como todos nós.

As necessidades de aprendizagem do João variam em função das disciplinas, das situações ou das emoções do momento, não podemos observar de forma reducionista ou simplista.

Pude perceber que muitas crianças na classe apresentavam dificuldades de aprendizagem podendo ser vinculadas a vários fatores.

O João já chegou com um repertório prévio, mas procurei não cobrar exageradamente a leitura, a escrita e todos esses processos que você citou. Acreditei que João tinha seu momento de aprender procurando estimulá-lo trabalhando os pré-requisitos nos aspectos motor, cognitivo, afetivo e social. Como falei anteriormente cada ser humano é único, mas quando se trata de uma sala de aula, muitas vezes trabalhamos de forma igual, não podendo observar da melhor maneira possível as habilidades de cada aluno, por isso resolvi buscar embasamento em alguns atores como Freud, Vygotsky, para que assim pudesse ser respeitado o ritmo do João tendo em vista que essas primeiras aprendizagens poderiam ser decisivas para sua vida.

João tinha muita habilidade com garatujas, sobretudo quando desenhava. Ele tinha grande influencia de seu pai no que diz respeito a desenhos, particularmente de super-heróis. ele costumava desenhar e escrever - garatujas logo depois. Suas representações sempre estavam ligadas a pessoas próximas. Observei que uma figura ao qual ele tinha grande afeto sempre era representada em seus desenhos. Perguntei de quem se tratava e o máximo que conseguia me dizer era nomes de bandas de rock e o nome Paulo.

João gostava de cores fortes e desenhos marcados por linhas ‘duras’, me lembrava muito os desenhos do Ziraldo o que eu achava algo bem interessante.

Sempre que possível procurava trabalhar com o material dourado a fim de expandir seu pensamento lógico-matemático o que resultava em ecolalias numéricas. Pude perceber um progresso relacionado a números por parte do João, apesar de não conseguir ter a habilidade sistemática de soletrar algarismos numéricos.

João, uma criança autista sempre se destacou em sala de aula com seus desenhos.

No que diz respeito à leitura, não foi possível adquirir nenhum progresso efetivo, apenas ecolalias, reminiscências de histórias que eu costumava contar em sala de aula.

Creio que João sempre foi muito bem acompanhado, com uma equipe multidisciplinar competente auxiliando-o em seu desenvolvimento, pois quando se trata de desenvolvimento infantil observei que João não deixava a deseja para outras crianças ditas ‘normais’.

Entrevista 2

Sujeito: 2 Idade: 26 anos

Tempo de experiência docente/formação**:** 4 anos, formada em Pedagogia

1 - Como foi ou está sendo acompanhar uma criança com autismo?

R- Bem, como foi né? Porque eu não sou mais acompanhante há dois anos já, 1 ano, na verdade que eu não trabalho como acompanhante de crianças autistas mas é uma experiência muito interessante porque o processo de alfabetização de uma criança autista ele apreende variáveis muito complexas porque ele é uma criança, eles costumam ser crianças, um tipo de criança que não verbalizam , que não falam com clareza então a gente tem que trabalhar também, além do letramento, escrita, a linguagem , a pronuncia das palavras, tem que trabalhar a construção de frases e isso auxilia na construção da comunicação dele com as outras pessoas e então é uma série de variáveis que a gente tem que trabalhar é basicamente uma metodologia para cada criança, que cada criança tem sua demanda, cada criança tem sua forma de aprender, existe um documento que nos acompanham, tem acesso que está na ABAS, Associação Brasileira de Autistas, se eu não me engano, que é ensina-me a aprender, é uma série de protocolos de atendimento que a gente aprende para poder trabalhar com eles nessa fase inicial a medida que os alunos do ensino fundamental vão se aprofundando exige, do papel do acompanhante cada vez mais pesquisa, cada vez mais estudo porque o conteúdo que é trabalhado em sala de aula não é suficiente para a demanda deles porque que eu digo isso; Muita gente costuma dizer, que as crianças autistas tem dificuldade de aprendizagem, pelo contrário; Como eles não desgastam a atenção deles com relações sociais o que a maioria das pessoas fazem ou quando fazem isso fazem de forma aleatória tudo que eles aprendem é visual, eles aprendem o tempo inteiro, eles coletam informação como se fosse um computador, então eles procuram informação o tempo inteiro e quanto mais informação você deixa de forma organizada ao acesso dele mais coisas eles aprendem e isso serve de base para o conteúdo didático que vai ser trabalhado no ano seguinte então a gente tem que preencher essas lacunas de pensamento deles com informação útil, com conteúdo, pois se a gente deixar livre, deixar solto, deixar a criança quieta, que é o que muita gente costuma dizer, ' no tempo dela' perdendo um precioso tempo de dar base pra eles porque se pra uma criança 'convencional' a gente tem que fazer exercícios repetitivos e dar aula nova e repetir e repetir a exaustão pra que determinada regra de ortografia seja aprendida para eles uma vez é o suficiente e no mais tardar três ou quatro.

Passou disso, é exaustivo, então não tem porque a gente ficar obrigando eles a ficar no mesmo processo das outras crianças se o tempo de aprendizado deles é diferenciado, é otimizado eu diria, então para o acompanhante professor regente ele tem a obrigação dele de sala, o acompanhante ele tem lacunas ao longo do período em sala de aula que ele pode trazer novos materiais, pode trazer novos conteúdos, pode trabalhar diferentes

formas e assim enriquecer o vocabulário de informação de uma criança, é muita informação, eu costumo muito dizer que a mente de um autista, como dizia Confúcio, a mente de uma criança é como corcéis desenfreados, na planície, eles correm a todo vapor em todas as direções e o que a gente precisa é dar um rumo porque a informação e a atenção deles é de qualidade, então a partir de um momento que você consegue dar um foco, ainda que, se trabalhar múltiplos focos, se trabalhar 3 , 4 focos ao mesmo tempo num mesmo dia, rende pra ele, o que você precisa é organizar, ele pensa, naturalmente em muita coisa ao mesmo tempo, muita coisa. O que você precisa fazer; É deixar que essa muita coisa seja útil, dar uma finalidade, porque ao meu ver o estado da mente da criança autista em sala de aula é que nem a gente mesmo quando está trabalhando muito, se tem, por exemplo, uma entrega para fazer, um trabalho exaustivo, você tá trabalhando no computador, vem seu filho dizendo, 'mãe me dá cem reais' 'Hum, hum' porque sua atenção tá ali, se tá pensando nos autores que você leu, nos trabalhos que você escreveu, nos trabalhos, em várias coisas e uma informação aleatória você responde com displicência da mesma forma é a criança autista, o que a gente precisa é colocar uma informação de qualidade e isso demanda muito esforço de pesquisa, querendo ou não a gente tem que aprender duas, três, quatro vezes mais para poder dar conta desta demanda, então para mim, trabalhar com uma criança autista é sinônimo de estudo, de aprendizagem, amadurecimento profissional, amadurecimento emocional, você precisa ter um equilíbrio emocional para poder trabalhar com eles porque existe mesmo a transferência, a gente, está em contato direto com uma criança só,durante quatro horas todos os dia com ela, não tem como não se importar, você precisa perder a noção de dom, de talento, e entender isso como um trabalho profissional que demanda técnica, que tem um período de duração e aí você não se vincula emocionalmente e o risco é você se vincular emocionalmente, deixar de trabalhar pedagogicamente em função deste vínculo emocional então, é uma coisa muito complexo é uma coisa que demanda intenção, não é só ir lá e fazer, você tem que se preparar, você tem que se organizar, de todas as formas, emocionalmente, fisicamente, porque haverão momentos que você precisará correr, precisará subir em árvore, precisará andar de bicicleta, você precisará soltar pipa, que você precisará, enfim, segurar as vezes aguentar uma mordida que não é para você, aquela agressão, quando ele agride não é como uma pessoa que quer agredir você, especificamente você uma pessoa que você quer agredir se estou com raiva de você eu vou te bater como uma pessoa convencional faria não, ele agride porque ele não compreende, aquela demanda de informação é caótica, então ele vai ficando irritado porque ele não entende como a cabecinha da criança não consegue ingerir tanta informação , então ela entra no caos e a forma que ele tem que sair do caos é gritando , é jogando coisas porque é uma coisa sensória, que toca, é uma coisa que explode, então a raiva não é contra você, é contra o não conseguir comunicar, e a gente ensina a se comunicar, olha aí a importância do pedagogo, né, o nosso papel é esse a gente ensina, não existe nada que nos trabalhamos na sociedade mundial, na sociedade de pessoas humanas que não possa ser ensinada, então regras são ensinadas, formas de pensar são ensinadas, formas de agir são ensinadas, então sim, é um trabalho árduo, sim é um trabalho recompensador porque na verdade quem lucra mais somos nós, mas a gente faz a diferença na vida de uma criança, um divisor de águas na vida de uma criança, com certeza, mas eles também influenciam de tal maneira que passam a ser um educador diferente na hora que a gente encontra um autista na nossa frente, na nossa profissão.

2- **Que elementos pedagógicos mais te chamaram a atenção no trabalho com o João;**

R- Então, que nem eu te falei, ainda bem que você reduziu aí porque são muitos os autistas que eu trabalho, o João, quando eu comecei a trabalhar com ele, ele estava com 7 anos, ele estava com 7 anos era mês de setembro, e ele não estava alfabetizado, ele estava no primeiro ano do ensino fundamental e aí eu lembro que eu cheguei , sou professora formada na Universidade de Brasília, então a minha metodologia de trabalho aprendida lá é montessoriana, tem base no construtivismo, no materialismo dialético então é mais crítico, e a escola que eu vim trabalhar é montessoriana, com base no umbesque ultrapassando as barreiras do método, é eu tava lendo ficava treinando, pesquisando metodologias de alfabetização, o método silábico, o método fonético, tentando, né, tentando um método meu encontrar um método que se adequasse mais ao João, pra ver se ele conseguia ter um resultado mais até que uma ajudante de sala me falou: Bom se você é novinha desiste! Pode tentar, não se magoa, pois ele é autista, ele não vai conseguir se alfabetizar. Nesse momento eu tive um asco gigantesco eu falei: Gente será que algum dia eu vou virar esse tipo de educador? Pois bem , aí que eu pesquisei, pesquisei, pesquisei e na tentativa e erro foi justamente no método montessoriano que encontrei a solução que eu precisava , porque o sistema de alfabetização montessoriano é fonético silábico e então ele trabalha pra criança autista que é uma mente extremamente sensória é, a importância da pronuncia fonética...Ele está olhando para sua boca quando você pronuncia alguma coisa. Eles fazem a leitura labial naturalmente, então porque os sons os distrai eles são muito sensíveis a sons, imagens, tudo isso é um momento de distração e quando ele quer prestar atenção em você ele lê seu lábios. Então alfabetizar com o método fonético com o auxílio das sílabas e tudo o mais, da representação gráfica. Depois disso no momento a gente tinha optado pela letra maiúscula porque a coordenação motora fina dele não estava desenvolvida de forma plena então foi o método que mais deu sucesso, enquanto, foi coisa de três meses, três meses ele estava plenamente alfabetizado, tanto que ele foi escolhido para ser o orador da turma dele, da conclusão do primeiro ano. Os instrumentos metodológicos desenvolvidos pra criança autista são, podem ser desenvolvidos para todas as crianças. Porque todas as crianças tem dificuldade de aprendizagem em um ou outro aspecto só que elas não verbalizam isso e a percepção do professor, professor regente dentro da demanda de sala de aula que é intensa, ás vezes passa batido. Então o que eu faço hoje como professora regente do João, hoje eu não sou acompanhante eu sou professora regente . Na minha sala tem material pra todos os conteúdos que trabalhei ao longo do ano então o material que eu digo é o material montessoriano. O que que é isso? É material concreto. Não adianta eu ensinar no quadro com o João sentado na linha, não adianta! É perda de saliva! Ele precisa tocar, ele precisa ver, ele precisa ler nos murais, então todas as aulas novas do conteúdo do terceiro ano são com o material concreto, o material tátil, material que ele é capaz de ler e movimentar é material fundamental, é um material dinâmico. Então eu adoto o sistema montessoriano, a Lubensk, que criou o material dourado, o material semi simbólico, que criou as contas pra ensinar tudo o que eu preciso para ele e pra todas as crianças, porque tudo o que eu tenho de fazer diferente para o João eu faço diferente para as outras crianças também, porque senão é discriminação. Não adianta eu deixar por exemplo o João fazer, todo mundo fazendo..livro de português só o João, só o João fazendo Ciências se eu fizer isso

só para o João é uma discriminação com ele, eu estou separando ele do grupo, ele está perdendo a função da escola é integrar, a escola de educação integral que as pessoas dizem que é inclusiva que não é inclusiva é integral mesmo? Então, se eu deixo ele fazer o livro de Ciências quando todo mundo quer fazer gramática porque ele tá interessado em ciências outrora eu posso oferecer isso para uma outra criança. Se todas as outras crianças estão fazendo português e uma outra criança de repente deu um estalo e lembrou como resolver um problema de matemática que ele estava pensando a vários dias e ele pedir eu vou deixar todo mundo fazendo português e outra criança que não o João fazendo o dever de matemática.Assim o João vendo o colega sendo diferente outro dia ele se sente pária ele se sente num grupo que tem as mesmas necessidades que ele, então a angustia que ele tem de se tornar igual aos outros já não faz sentido porque todos são iguais a ele. O método montessoriano, então eu indico, é minha posição como pedagoga, como professora. O método montessoriano construtivista, humanista como o melhor método para trabalhar ao menos no ensino fundamental as crianças que tem os TGDs que são os Transtornos Globais do Desenvolvimento, crianças hiperativas, com déficits de atenção, autista em todos os níveis, auto funcional, asperger, qualquer que seja toda a criança que tenha uma necessidade educativa especial eu indico o método montessoriano como pleno para sanar as dificuldades educativas porque ele é um material concreto, ele é material dinâmico, pode ser trabalhado em tempo diferentes, então cada criança tem seu tempo, a criança tem a autonomia de pegar o material e estudar dentro do momento de sala de aula e isso é como é que eu vou dizer...isso desinformam. O grande problema é esse todo mundo quer ser igual a todo mundo, todo mundo quer ser informado, a criança pega o livro e responde nãm, nãm, nãm...o método montessoriano não, você , eu tou aqui com a situação problema no caderno de matemática, tou com uma dificuldade,eu não sei trabalhar com a divisão algébrica. Então eu posso me levantar da minha mesa, pegar o meu tapete, deitar no chão, pegar o material dourado ou o material semi-simbólico e resolver toda a minha situação problema com o material concreto faço o registro no caderno todo mundo precisa fazer isso ao mesmo tempo? Não! A dificuldade não é minha? Então eu tenho autonomia de levantar, ir na estante, pegar e escolher o material que eu preciso pra sanar a minha dúvida, sanar minha duvida e voltar ao caderno, então isso pra mim é uma coisa incrível é assim, não tem igual você não vai ver isso numa escola particular comum. Não vai ver !!! Então é isso né, demanda quem constrói o material montessoriano são as professoras, tem o material que vem do modelo né, mas todo ano, no final do ano letivo e no inicio seguinte durante a semana pedagógica nós fazemos um estudo da turma das crianças que vão entrar especifico com PNEES e aí nós elaboramos o material ao longo do ano pra demanda daquela turma. Por exemplo, esse ano eu tive oito alunos é um número muito pequeno, destes oito alunos um tinha uma dificuldade terrível, veio de outra escola, não era alfabetizado, assim, não estava plenamente alfabetizado. Então tinha disgrafia, até dislalia, não conseguia pronunciar os fonemas f, v. então o que que eu fiz? Elaborei o material voltado para isso. Fui lá sentei com a coordenação, elaborei o material para aquela criança que está disponível para toda turma, mas aquela criança vai utilizar. Outra criança tinha dificuldade com a sequência numérica, elaborei o material de sequência numérica para aquela criança que está disponível na estante para todo mundo e para aquela criança, então é uma educação personalizada, ele tem que estudar, tem que pensar, é o fazer pensando. É o que o Paulo Freire costumava dizer: É a práxis, você age, você reflete, identifica o problema aí você

constrói alguma coisa pra tentar sanar aquele problema, e depois você tem que refletir se sua solução deu certo ou não deu certo porque? Então a pesquisa e ação, pesquisa e ação, retorno não é uma coisa, eu não reaproveito nada de um ano para o outro a não ser a experiência. Eu acho isso fantástico.

3 – Como você vê os processos de escrita, leitura, desenho, fala, pensamento lógico matemático na produção do João?

R - Ave Maria !! O João, nos aspectos de linguagem pode colocar aí. Considerando que a gente tem por inteligência múltipla. O João ele é plenamente letrado, alfabetizado. Então, assim a nível de criança de dez, onze anos de forma alguma ele comete enganos ortográficos, de forma alguma ele comente enganos fonéticos ou seja de escrever, enfim. Na transcrição de fala ele usa os sinais de pontuação ele precisa da acompanhante por quê? Porque dos detalhes da escrita, quebra de linha, margem coisa que pra ele não faz muito sentido ainda então ele precisa do acompanhante para delimitando o espaço onde ele trabalha. Ele não vê muito o caso, isso é uma coisa ensinada, é um processo longo. Então o aprendizado de classes gramaticais ele domina, saber o que são artigos, pronomes, substantivos, verbos, interpretação de texto, ele precisa da leitura entonada para interpretar o texto de forma plena, mas havendo uma pessoa que leia o texto para ele. Não é que ele não seja capaz de ler o texto, mas as entonações que fazem sentindo ao texto ele precisa de uma pessoa para ler para ele com ele e aí sim ele é capaz de interpretar. O desenho dele é extremamente expressivo, tem um traço próprio, é capaz de todas as crianças ficam qualquer pessoa que conhece o João identifica o traço dele no que ele faz... Então ele tem um talento nato para representação gráfica, ele consegue representar o aprendizado dele através de desenhos, outrora eu já usei o desenho dele como instrumento de avaliação em momentos em que ele estava em crise, estava nervoso, momentos em que ele não queria usar os instrumentos convencionais de avaliação seja ficha, seja caderno ou trabalho dirigido eu pude utilizar os desenhos dele como instrumento de avaliação, então ele tem uma habilidade representativa fenomenal, faz mapas, localização espacial. Então consegue representar um caminho que ele fez de carro, fazer um desenho e localizar esse desenho no mapa. Eu lembro uma ocasião especial que ele pegou um táxi para o restaurante que ele gostava muito de ir e pegou um táxi ao que segundo a narrativa dele sozinho. Ele ficou assustado porque ele não tinha dinheiro para pagar o táxi então ele foi a esse restaurante pediu para ligar, ligaram em casa e o pai foi lá resgatá-lo e pagar o táxi coitado. E essa experiência foi tão intensa pra ele que ele representou essa experiência de inúmeras formas: escrevendo textos, fez o desenho do restaurante, fez o desenho do caminho, fez o desenho do táxi, vários desenhos. Em um determinado momento nós estávamos trabalhando o mapa do Distrito Federal, ele veio no mural do mapa do Distrito Federal e fez o caminho da casa dele até o restaurante com o dedo eu espero isso de uma criança de quinto ano. Eu estou trabalhando o Distrito

Federal, eu estou trabalhando regiões administrativas, vias de grandes fluxos, vias de pequenos fluxos ele tem uma localização espacial que adultos não tem em Brasília. Então é uma coisa estupenda que tem que ser explorada e isso eu tive com outra criança autista também mas quando ele tinha nove anos, dez anos, onze anos. Então em níveis diferentes. Então o João com oito anos ele já era capaz de representar os lugares que ele queria ir dentro de um mapa isso é uma coisa fenomenal. No que diz respeito à matemática ele tem sim uma dificuldade extrema por causa do material concreto então em uma outra escola talvez ele não conseguisse ultrapassar as metas do ano mas lá vai eu com meu discurso montessoriano como é que é o sistema montessoriano? Aquele que tem acesso ao material dourado e semi-simbólico. E as contas. Então ele consegue realizar todas as situações envolvendo as quatro operações com o material de apoio, então graças a esse material de apoio ele consegue realizar e depois ele registra. Então ele ainda precisa de reforço né positivo no que ele faz no domínio do uso desse material que ele ainda precisa do acompanhante, organizando ali o material na mesa para que ele consiga efetuar , ele ainda não tem autonomia de pegar o material e resolver sozinho aquela conta então isso é uma coisa que ele vai com um atraso para o quarto ano mas eu já informei a professora dele vai continuar. Eu preciso ver com os pais dele se vão manter o acompanhante pra trabalhar isso não sei se dentro de sala de aula ou fora pra que ele se torne autônomo na solução de situações problemas que é a principal ênfase na matemática no ensino fundamental é isso, ser hábil nas quatro operações, reconhecer formas que ele reconhece plenamente, grandeza também plenamente. Ele não tem dificuldade no que as crianças têm mais dificuldades e a dificuldade dele reside onde as crianças aprendem mecanicamente. Tudo que é mecânico e repetitivo, não faz sentido então querendo ou não são poucas as formas de ensinar as quatro operações que pra consolidar o aprendizado não seja de forma mecânica. Ele está há dois anos comigo, um ano que eu sou regente dele, ano que vem que a elevai continuar comigo é diferente e a gente espera que até final de ano ele se torne hábil nas resoluções de situações problemas que é a meta principal pra 2013 pro João é essa. É trabalhar a autonomia matemática dele e o registro de situações problemas dele. É isso já falei de historia, geografia.

R - A fala. Há três anos atrás quando eu o conheci como acompanhante ele não falava basicamente. Ele repetia o que a gente chama de ecolalia, então o que ele falava era o que ele conhecia no vocabulário dele, nomes de bandas, coisas que não faziam muito sentido. Lá vai eu trabalhar com ele a construção de frases. No primeiro momento desta entrevista eu falei que o processo de alfabetização dele envolveu isso, então enquanto eu o alfabetizava eu precisei trabalhar a construção de frases com ele é uma coisa básica? É uma coisa básica mesmo as crianças convencionais tem dificuldades, mas na verbalização era uma dificuldade pra ele. Então até fisicamente o aparelho motor dele, o aparelho da fala dele eu tive que fazer exercícios pra que ele desenvolvesse enfim o aparelho fonético dele e que ele viesse a se sentir, que se estimulasse a querer falar. Então antes ele não queria aprender a falar porque ele não via a importância disso, então primeiro eu iniciei com falas padrão como: “posso ir ao banheiro”? “Professora, eu posso sair da sala”? “Já é hora do lanche”? Frases padrão para ele usar em momentos específicos e aí sempre que ele falava alguma coisa corretamente como um microcosmo da escola quem ouvia o que tinha prazer de ouvir uma frase completa, tinha que dar o retorno positivo na hora:

“Nossa João claro”! E ali incentivar o diálogo, isso deu muito certo. Hoje, tem três anos que a gente trabalha isso, hoje ele constrói frases com clareza. Claro, É um microcosmo. A escola é um microcosmo, porque ele está entre oito crianças que ele conhece entre professores que ele está acostumado, com funcionários e pais que ele conhece. Então aqui ele consegue manter um diálogo. Então a gente pergunta e ele responde: “oi como foi seu dia”? O que você fez de manhã “? “Fiz isso, fiz aquilo”. “Fiquei com medo”. O Diogo que é irmão dele fez isso, fez aquilo, o papai fez isso, a mamãe fez aquilo, a vovó. “Você está bem”? “não não estou, estou cansado”. Você vai fazer a rotina hoje”? Então ele pergunta da minha pratica. Ele pergunta onde está a linha, da rotina. “Teremos aula de matemática, teremos a rotina”? Então ele é capaz de fazer varias perguntas que ele precisa sanar a duvida dele naquele momento, então o pessoal fica caçoando às vezes. “Ai Suca, você responde tudo”. Respondo, porque se você não responder ele se sente ridicularizado, ele faz um esforço danado para contar uma coisa da forma dele e você responde: “ Ah! Tá, tá bom “. Poxa! Foi um esforço pra ele. Nossa! Isso mesmo e aí? Extraio o maior número de informações possíveis daquela frase, daquela fala incipiente. Então esse é o entendimento meu esse é o entendimento dos colegas em sala de aula dele, esse é o entendimento dos profissionais que trabalham na escola. Isso só se desenvolve, então a fala dele aqui na sala sem comparações com a fala de outras crianças que tem a mesma deficiência dele. O que eu costumo dizer que é suproficiencia. Agora eu não sei se isso se repete em casa, em outro ambiente. Não tem essa, como é que eu vou dizer, esse ambiente favorável para a fala, então possa ser que em determinados locais as pessoas não estejam preparadas para lidar com isso não sejam educadas para lidar com isso. A fala dele seja repetitiva ou alta demais, enfim. Aqui ele não tem problemas de comunicação, Ele consegue falar embora com uma dificuldade ou outra ele sendo ouvido ele consegue falar. Como por exemplo, a mãe dele passou um mês viajando, ele sentiu muito a falta da mãe, muito. Houve dias em que ele chegava aqui chorando, uma vez uma pessoa conhecida perguntou: “porque você está chorando”? Ele não vai dizer por que ele está chorando, ele não sabe por que ele está chorando. Ele não sabe por que ele está chorando, porque ele está com saudades da mãe. “João? Você teve notícias da mamãe hoje”? “Ah não”! “Faz falta né”? “Quer um abraço”? “Quero”. É diferente, se você perguntar o óbvio: “Você está chorando”? Por quê? Que pergunta descabida é essa? “Estou mesmo”! “Eu estou triste, eu estou chorando”? Se você chegar pra mim e me perguntar por que eu estou chorando, eu vou responder que estou chorando porque é um momento meu. Então ao menos que a pessoa seja muito minha amiga eu não vou querer compartilhar aquilo com ele, porque eu vou estar em um momento de fraqueza, um momento fraco meu. Se eu estou em um canto chorando quieto é um momento frágil meu, eu não vou compartilhar aquele meu momento com ele. Agora imagina uma criança autista. É muito mais complexo pra ela, porque todo mundo já olha pra ela discriminando, de uma forma ou de outra. Então, se ele está chorando é um momento muito frágil para ele, ele está extremamente envergonhado e se você perguntar de forma direta você o constrange e você repele qualquer tentativa de comunicação. Então você tem que acolher, abraçar, acalmar, acarinhar pra depois ele se sentir a vontade para compartilhar aquilo com você. É o tempo dele, é isso que faz toda a diferença.

Apêndice 2 –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Monografia do aluno Paulo Henrique de Oliveira França”, de responsabilidade de Paulo Henrique de Oliveira França,aluno de graduação da Universidade de Brasília e orientado pela Profª. Drª. Fátima Lucília Vidal Rodrigues. O objetivo desta Monografia é verificar como foi o desenvolvimento escolar e da escrita do menino Ivan Madeira Sapha ao longo de três anos em que o estudante, autor da monografia esteve ao seu lado. Assim, gostaria de consultá-lo sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a Monografia do seu autor.

Você receberá todos os exclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da Monografia, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informação que permita identificá-lo (a). Os dados provenientes de sua participação na Monografia, tais como, questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficará sob a guarda do pesquisador responsável pela Monografia.

Espera-se com esta Monografia possibilitar mais um estudo de caso e análise sob o desenvolvimento de uma criança com dificuldades escolares e como acontece o seu desenvolvimento da sua escrita ao longo de um período e que assim acontece condições para o desenvolvimento social, cultural, afetivos e educacionais das crianças.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à Monografia, pode entrar em contato:

Paulo Henrique de Oliveira França: (61) 9140-9736, e-mail paulo1170@gmail.com.br;

Fátima Lucília Vidal Rodrigues: (61) 9147-1252, e-mail vidalrodrigues@yahoo.com.br.

A equipe da Monografia garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de disponibilidade do trabalho final, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

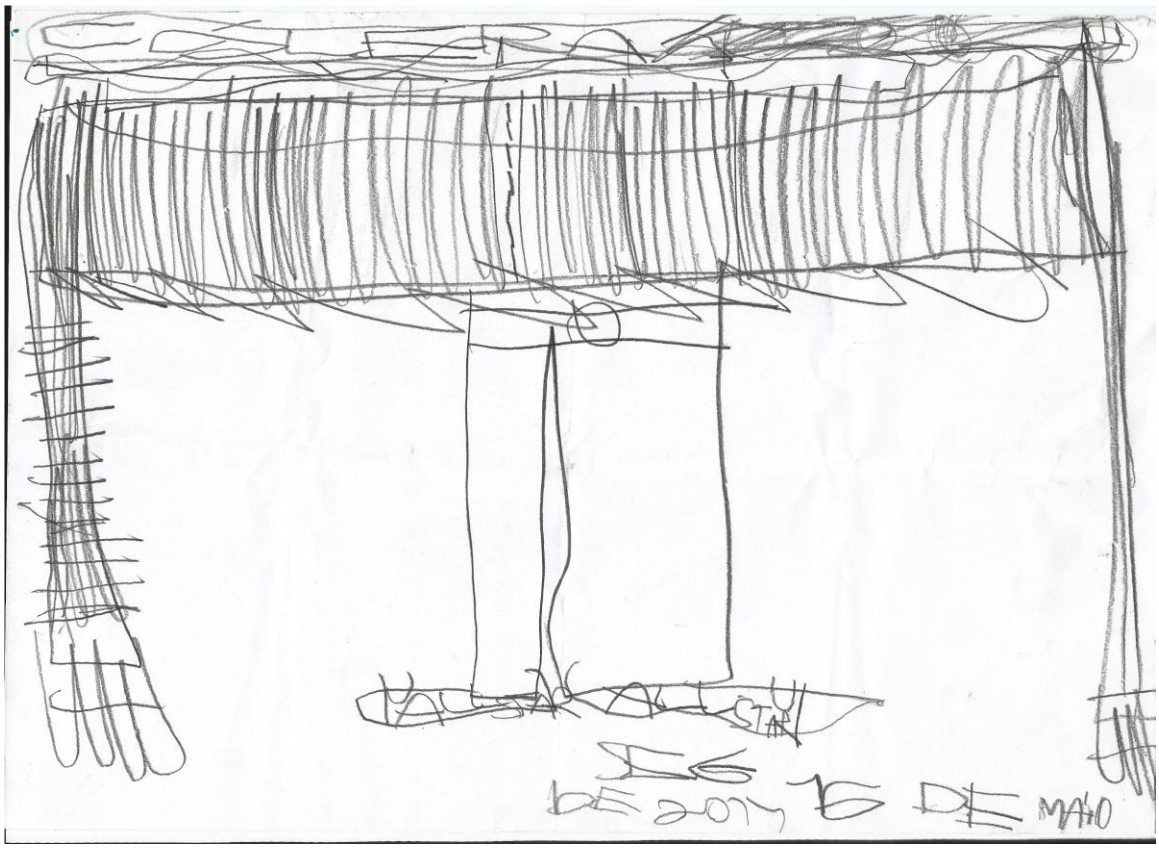
Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador responsável pela Monografia e a outra com o senhor (a).

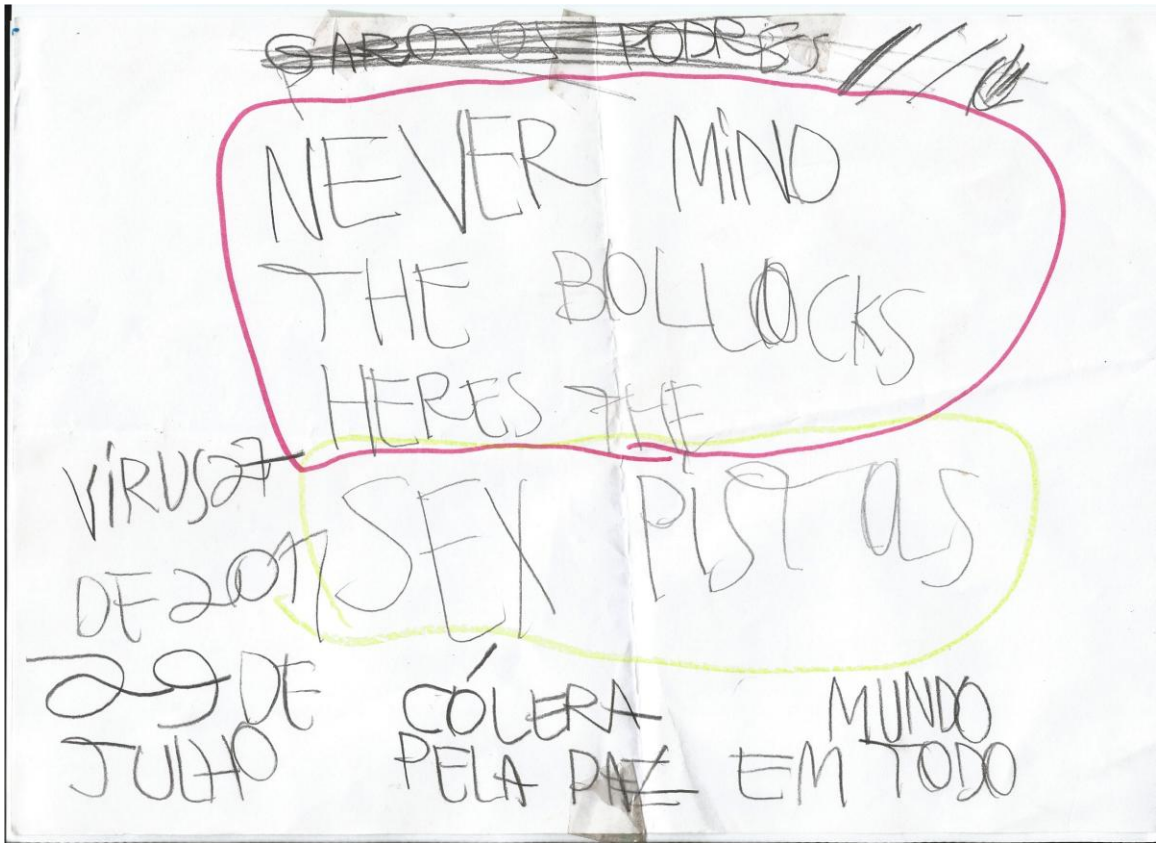
Assinatura do (a) participante

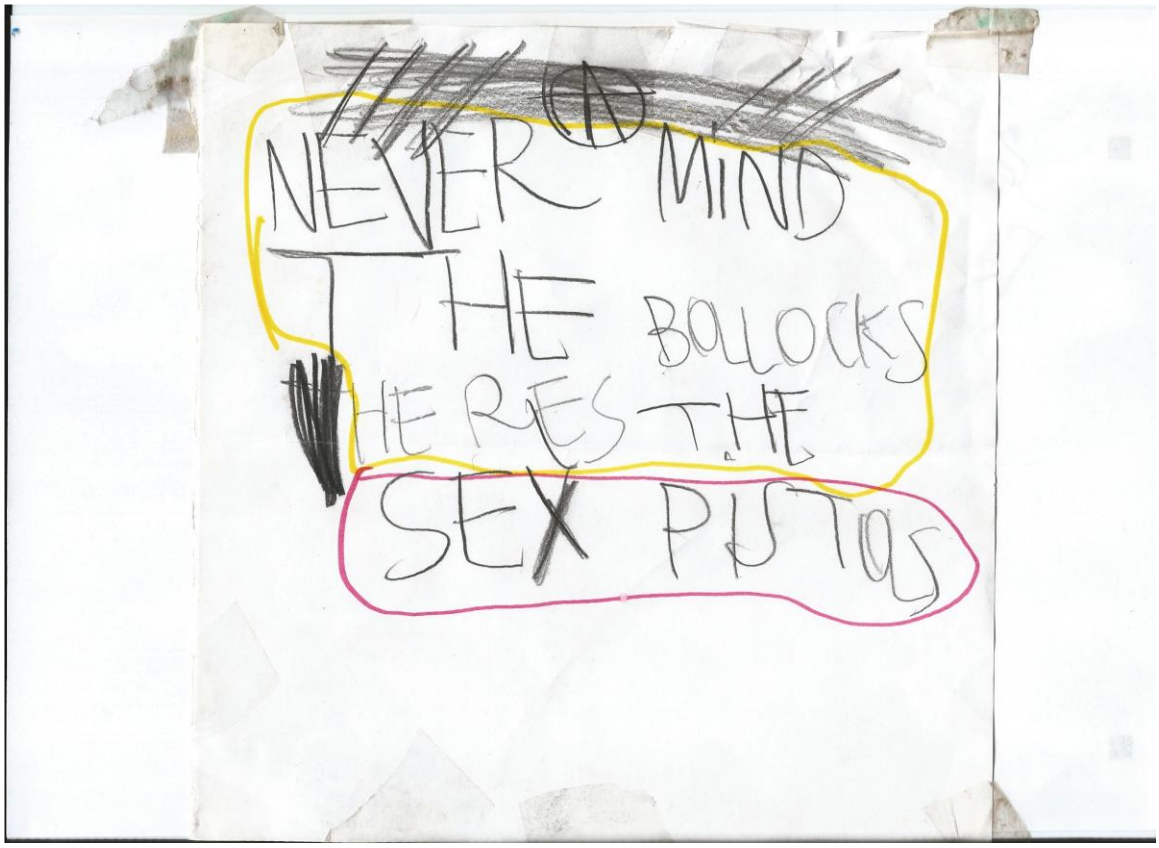
Assinatura do (a) pesquisador (a)

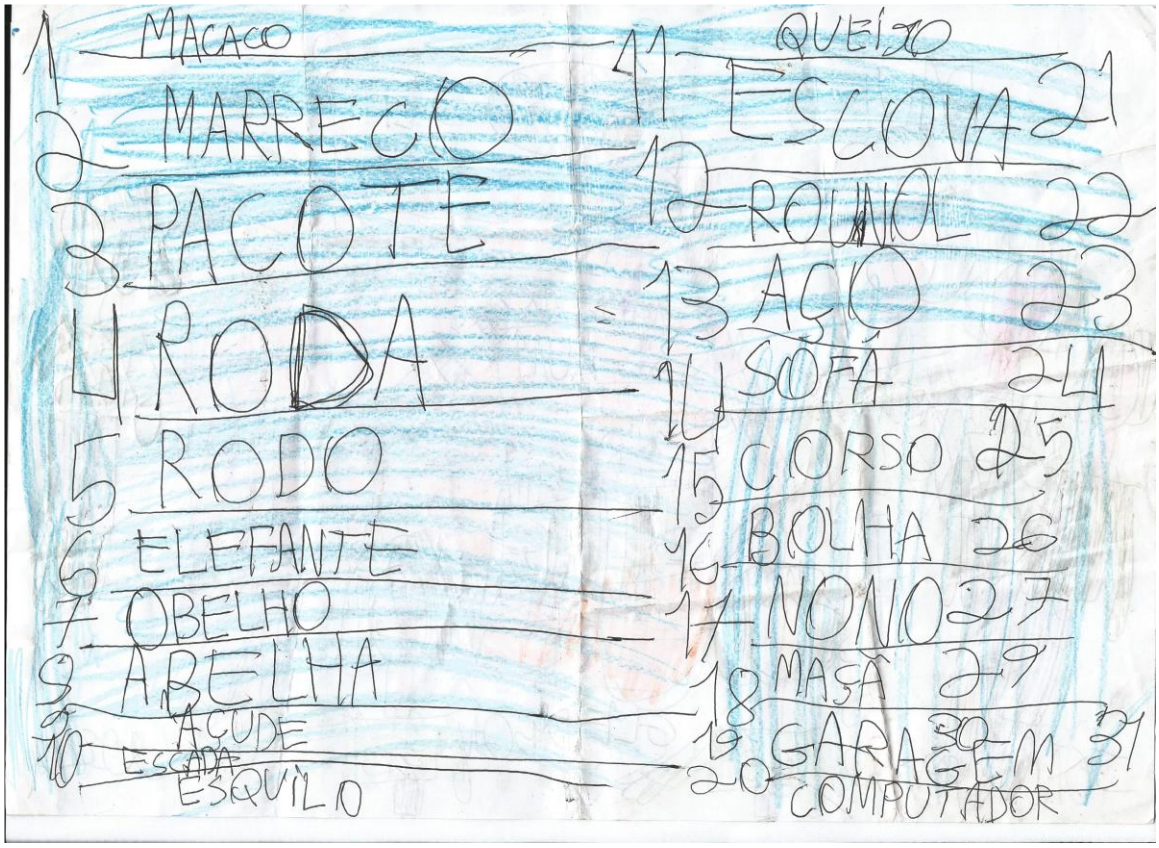
Brasília, -------- de--------de 2012

Apêndice 3 – Produção Pedagógica do João




NEVER MIND
THE BOLLOCKS
HERES THE
SEX PISTOLS
VÍRUS27
DE 2017
29 DE
JULHO
CÓLERA
PELA PAZ
MUNDO
EM TODO


NEVER MIND
THE BOLLOCKS
HERES THE
SEX PISTOLS



1 MACACO
2 MARRECO
3 PACOTE
4 RODA
5 RODO
6 ELEFANTE
7 OBELHO
8 ABELHA
9 ACUDE
10 ESCADA
ESQUILO
11 QUEIJO
12 ESCOVA
13 ROLHOL
14 AÇO
15 SOFÁ
16 CORSO
17 BOLHA
18 NONIO
19 MASÃ
20 GARAGEM
21 COMPUTADOR
22
23
24
25
26
27
29
30
31

BEBEU
PAULO
JEFFERSON
JOÃO
GLEISON
EDSON
CLAUDMIR

PAULO

Colégio Rosário
Brasília, 08 de fevereiro de 2012

Numeral

Parabéns!

Numeral é a palavra que descreve quantidades ou concretiza ou indica a posição que ocupam em uma determinada ordem.

Quando apenas nomeia o número de coisas, é chamado Cardinal:

um
dois
três
quatro
cinco
seis
sete
oito
nove
dez
onze
doze

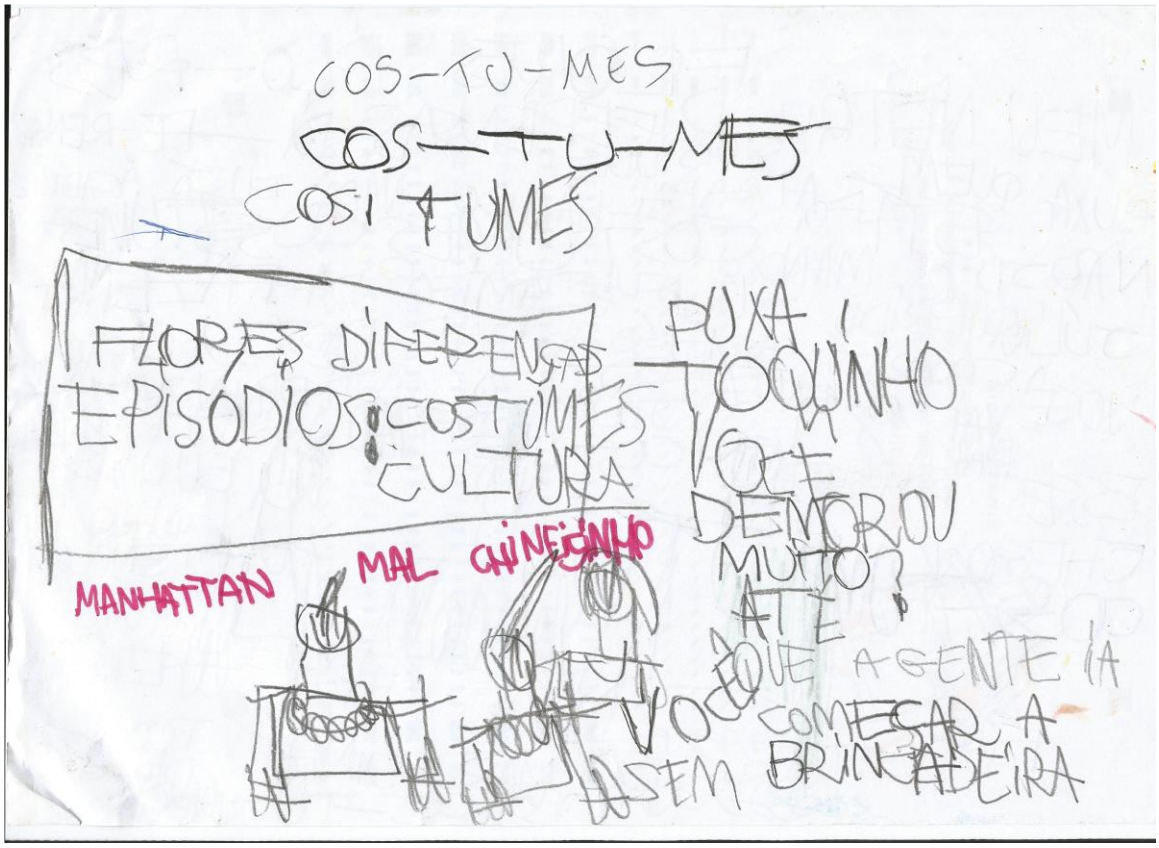
A LILIA DISSE: VOU
PEGAR VOCÊ COM O
LAÇO MAGICO! O
LAÇO DISSE: AH! QUERO
SUPERTRANCA FALOU
PARA O VILÃO: ESTA
PREZO SUPERVIAN
BEM
TARDE NA HORA
A LILIA FALOU PARA O
SUPERTRANCA: PARA
TRABALHO HA! BOA
TRANCA A SUPER
LILIA
ESCUTEI DA MISSA
RA RA
RA
FIM

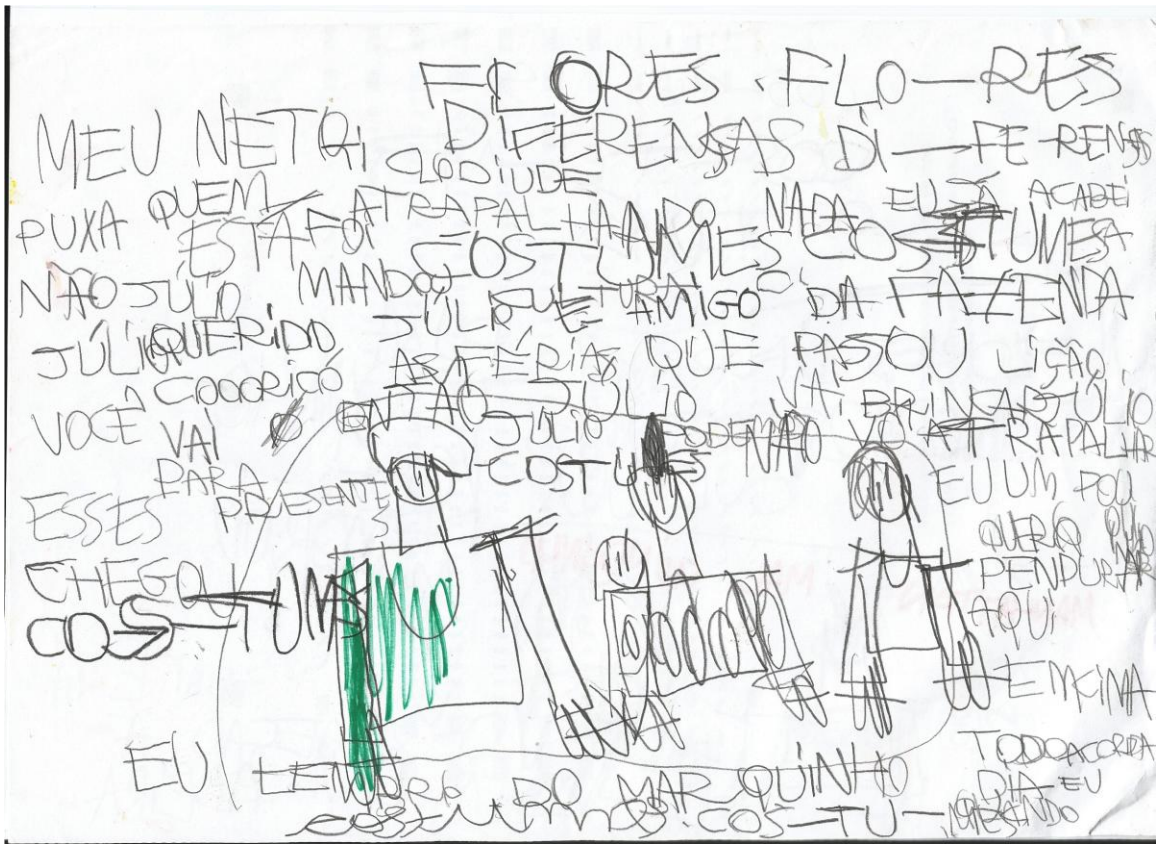
O JÚLIO DISSE: VAMOS
BRINCAR DE SUPER-
HERÓIS E ALIPIO DISSE
QUE VAI DER O
ALIPIO A FAZAD
VAI SER A LILICA
FRANGA. O JÚLIO
VAI SER O CARDIO
FENIA. O CAS
VAI SER O SUPER
VILÃO. BEM MAL
O JÚLIO FALOU QUE
VAI O SUPERMAN
VAI FAZER UMA
SUPERMALDADE
E ALIPIO PERGUNTOU
MALDADE E ESSA
MALDADE? DISSE
OS MENINOS VOU COM
UMA DE MILHÃO
IDEIA FENIA
CARDIO
VOU

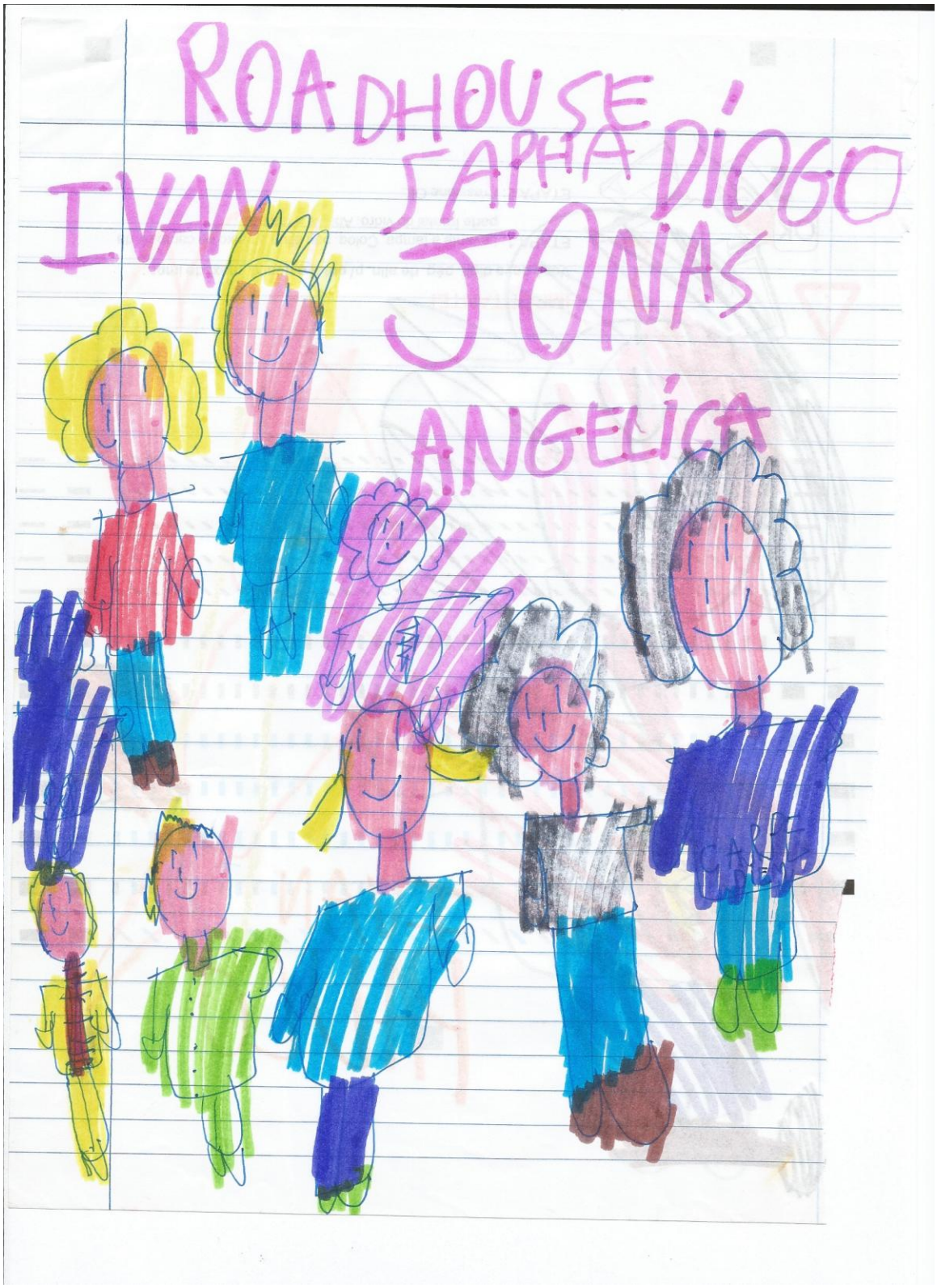
EM SUA RONDA DIÁRIA AQUANIDM NADA NAS ÁGUAS DA LÓNA DO ATLÂNTICO
MEU AMIGO ESTÁ ME CHAMANDO
CRUZEI O ESPAÇO SIDERAL POR BILHÕES DE QUILÔMETROS EM BUSCA DO PLANETA TERRA
EU SOU STARRO O CONQUISTADOR
MEUS PODERES AGORA SÃO SEUS, E SEGURAM PODERES MINHAS ORDENS
NÃO HÁ TEMPO A PERDER! PRECISO CONVOCAR A LIGA DA JUSTIÇA DA AMÉRICA

BRASÍLIA 26 DE
DEZEMBRO

NO DIA 03
DE DEZEMBRO
DE 2009 NUMA
SEGUNDA EU
PEGUEI UM TÁXI DO
MARLITO.
EU QUERIA
NO TRIM
EU FOI PARA
A MARLITO.
AI EU FUI COM
O GARÇON ANTONIO
ACHAR O TINHEIRO
PARA SOLTAR
ARROZ COM
BRASIL E COM
VERMELHO ALSICHO


COS-TU-MES
COS-TU-MES
COSTUMES
FLORES DIFERENÇAS
EPISODIOS COSTUMES
CULTURA
PUXA
TOQUINHO
VOCÊ
DEMOROU
MUITO?
ATÉ
QUE A GENTE IA
COMEÇAR A
BRINCADEIRA
MANHATTAN
MAL
CHINEZINHO
VOCÊ
SEM


FLORES . FLO—RES
MEU NETO
DIFERENÇAS DI—FE-RENÇAS
PUXA QUEM ESTÁ FOI ATRAPALHANDO NADA EU JÁ ACABEI
COSTUMES COSTUMES
NÃO JÚLIO MANDOU JÚLIO QUE TURMA DA FAZENDA
JÚLIO QUERIDO JÚLIO É AMIGO
ASFÉRIAS QUE PASSOU LIÇÃO
VOCÊ VAI ENTÃO JÚLIO PODEMOS NÃO VOU ATRAPALHAR
PARA COSTUMES
ESSES PRESENTES
EU UM POU
QUERIO PUD
CHEGOU PENDURAR
COS—TUMES
AQUI
MENINA
EU LEMBRO DO MAR QUINHO
TODO ACORDA
DIA EU
COSTUMES COS—TU—


ROADHOUSE
SAPHA
DIOGO
IVAN
JONAS
ANGELICA